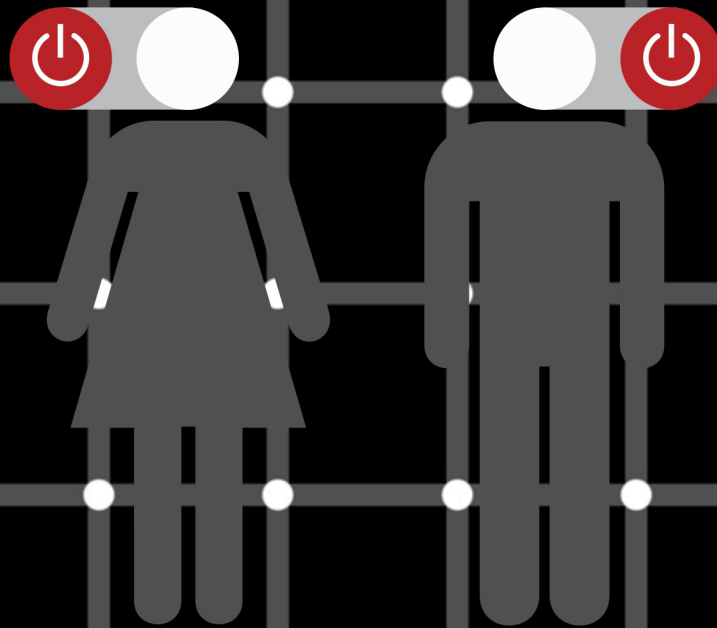


REVISTA

NÚMERO 18 . ANO 3 . JULHO DE 2021

ENIGMAS

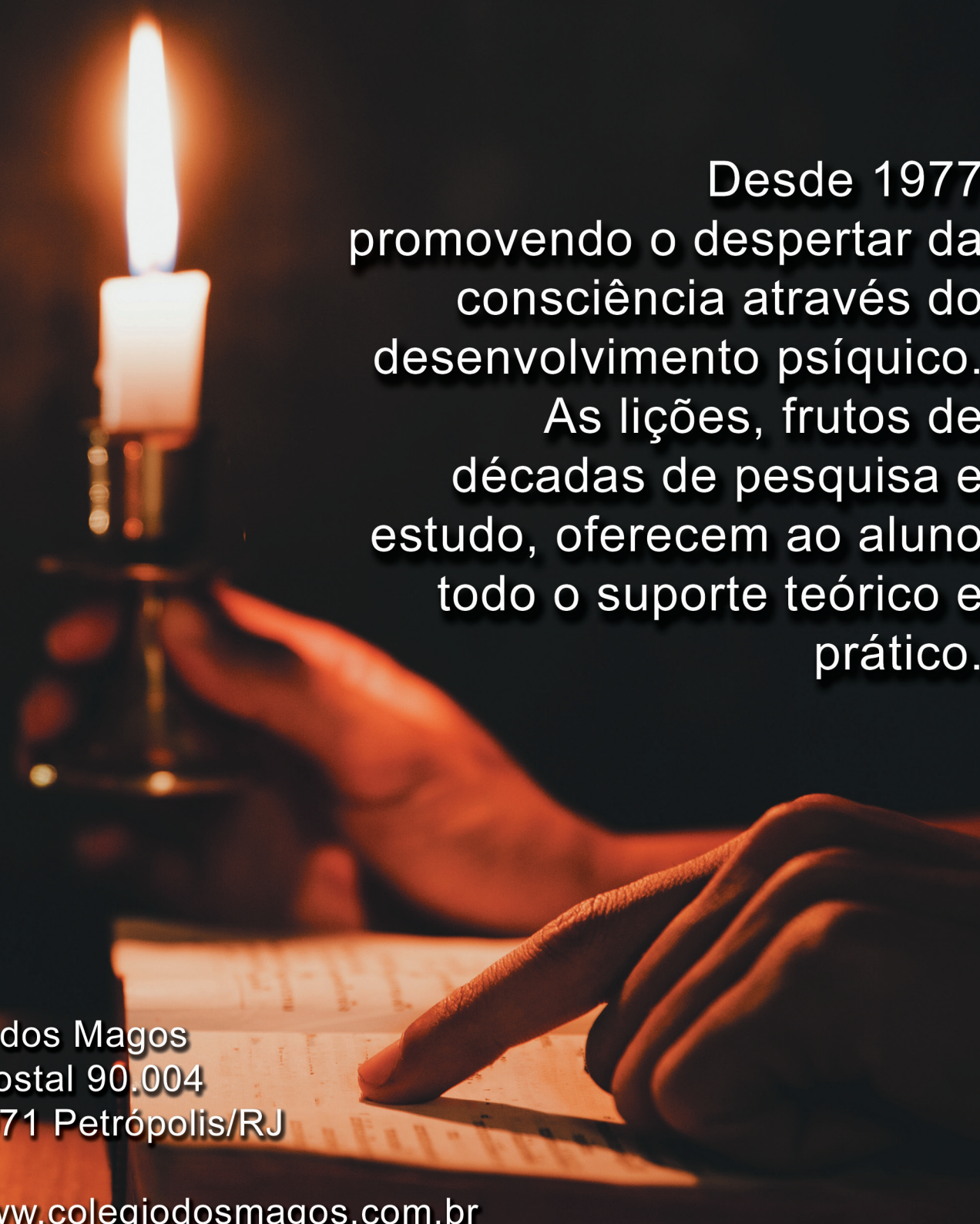


**Investigação de Visão Remota
pela CIA pode libertar a
humanidade da Matrix de
Controle Mental**

CIA, ESPIONAGEM E VISÃO REMOTA



COLÉGIO DOS MAGOS



Desde 1977
promovendo o despertar da
consciência através do
desenvolvimento psíquico.

As lições, frutos de
décadas de pesquisa e
estudo, oferecem ao aluno
todo o suporte teórico e
prático.

Colégio dos Magos
Caixa Postal 90.004
25620-971 Petrópolis/RJ

<http://www.colegiodosmagos.com.br>
colmagos@gmail.com

UFOLOGIA X TERRAPLANISTAS

Nos últimos tempos, uma avalanche de revelações sobre vida extraterrestre e objetos voadores não identificados tem atingido o público. São documentos, sondas espaciais, viagens a Marte, testemunhos de autoridades governamentais – principalmente de países desenvolvidos – e vídeos surpreendentes que movimentaram a imprensa e a ufologia em geral.

Eu mesmo participei de um evento encabeçado pelo maior pesquisador brasileiro de OVNI, Marco Antonio Petit, com a presença de outros notórios estudiosos da ufologia nacional, onde o assunto abordado era a abertura para a população dos arquivos secretos, em posse das agências de inteligência, sobre vida extraterrestre e sua interação com a espécie humana, e a admissão iminente dos EUA, através da NASA, da existência desses contatos.

Por outro lado, um movimento ganha muita força na internet. Os seus líderes e seguidores adotam princípios e uma visão de mundo absolutamente diferentes da convencional, a qual, aparentemente, tornou-se a principal opositora da ufologia propriamente dita. O nome de conhecimento geral dado a esse grupo é terraplanista, em sua maior parte formado por cristãos praticantes e convictos.

A visão de mundo dos terraplanistas é antagônica a dos ufólogos e tem como princípio a descrição do livro de Gênesis, que é baseado na cultura mesopotâmica — fundada pelos sumérios.

Para eles, a Terra é singular, plana, sendo o nosso planeta o único a abrigar vida. O Universo seria formado pelas “águas primordiais” acima do domo, o domo que “divide as águas” e protege nosso planeta delas, a Terra plana e abaixo da superfície o abismo.

Exatamente por essa doutrina, para eles é explícita a inexistência de vida extraterrestre, ou seja, não há como ser terraplanista e acreditar em seres de outros planetas ao mesmo tempo. Então, para os teóricos, o que seriam os fenômenos ufológicos gravados até em vídeos? São atividades de demônios. Outros diferem demônios dos anjos caídos.

E o que dizer então da abertura dos arquivos secretos dos governos? Para eles, tudo um embuste. Alguns teóricos falam que esses discursos da elite e documentos apresentados são falsos, fabricados, apenas preparação para um ataque de falsa bandeira, disfarçado de guerra interplanetária, mas que, em verdade, é a implantação de um governo mundial totalitário por essa própria elite. Outros falam que esse ataque de falsa bandeira faz parte da preparação para o Apocalipse. Tudo, sempre liderado por um governo terrestre oculto presidido por demônios, talvez anjos caídos, ou os dois, já que alguns teóricos diferem as criaturas.

Verdade? Fantasia? Muitos podem achar tais alegações hilariantes. Como um pesquisador consciencioso, informo-me e faço minhas reflexões. Nesse momento, não é meu objetivo julgar. A

intenção é demonstrar que aqueles que investigam vida extraterrestre hoje em dia parecem estar mais alinhados com o status quo científico do que jamais estiveram. Talvez porque muitos deles adotaram Carl Sagan e outros aparentados como ídolos, arrumando seus discursos na direção daquilo que parece mais razoável sob a ótica acadêmica.

Ou seja, os renegados da vez são os terraplanistas.

Mas, cuidado com o preconceito! Em outros momentos da história, falar de seres de outros planetas poderia ser considerado divertido, engraçado, loucura ou até crime (Giordano Bruno foi morto na fogueira). Apesar da visão de mundo completamente diferente dos terraplanistas, e de seu antagonismo dogmático a ufologia e teoria dos antigos astronautas, devo ponderar alguns conceitos deles.

Por exemplo, a teoria do ataque de falsa bandeira não precisa ter como princípio a Terra plana, pode acontecer no formato que aprendemos mesmo, assim como a influência nefasta de seres maléficos em escala global não deve ser descartada.



ANDRÉ DE PIERRE
Editor e historiador

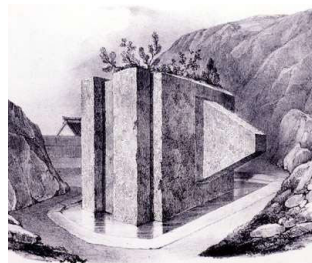


VIAGEM NO TEMPO A INVESTIGAÇÃO DE VISÃO REMOTA PELA CIA

Motivada pela Guerra Fria, a CIA estudou habilidades psíquicas inatas do ser humano que têm sido manipuladas para permanecerem ocultas.

TAÍS AKASHEMOTO | 36

SUMÁRIO



ARQUEOLOGIA

Ishi-no-Hoden é um dos monumentos mais misteriosos e desconcertantes do Japão, uma gigantesca estrutura de pedra no formato de uma TV antiga de tubo com quase 6 metros de altura e 500 toneladas.

CLÁUDIO SUENAGA | 06



DIFUSIONISMO

Conheça o caminho que comunicava Mesopotâmia, Egito, Norte da África, Américas, além de cruzar os Andes em direção a Floresta Amazônica, deixando vestígios em um Brasil pré-histórico.

DEMETRIO LORIN | 14

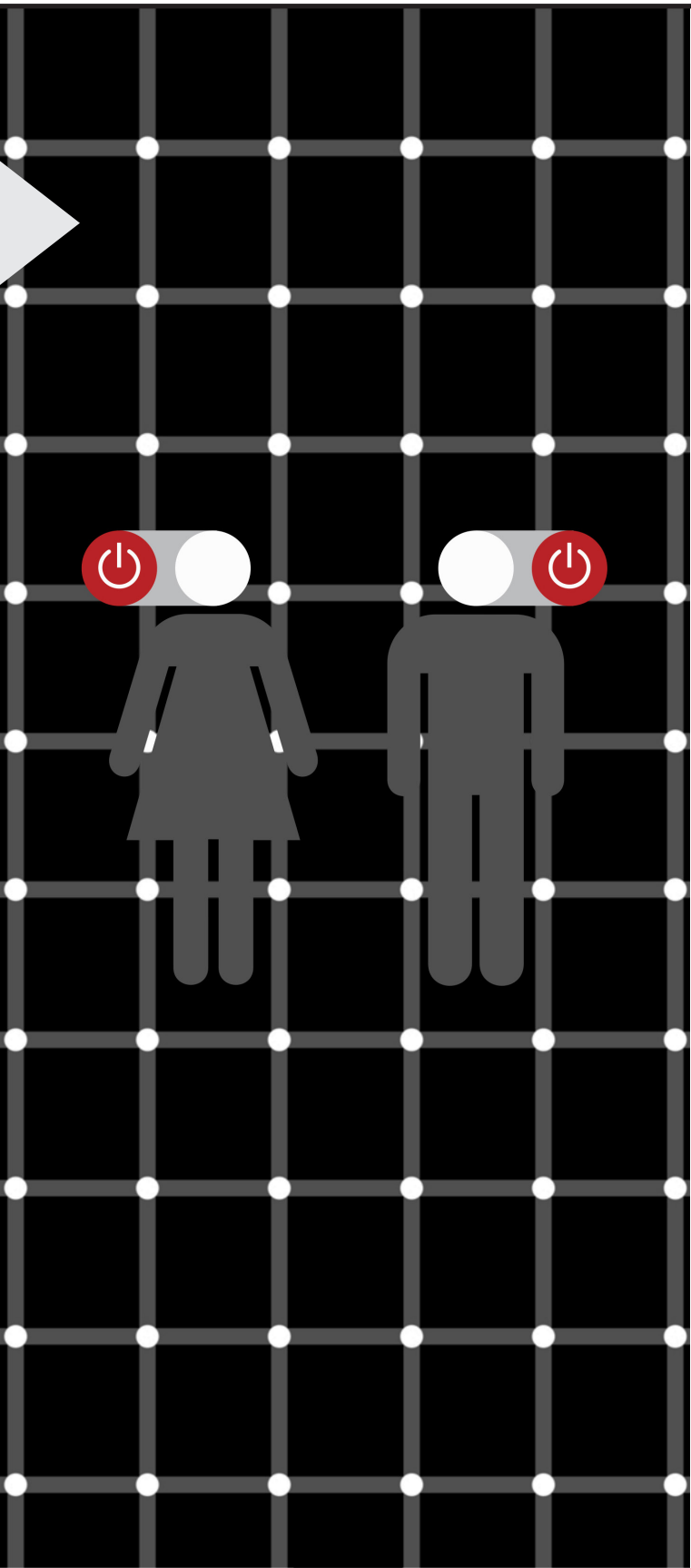


CULTURA

A teoria do best-seller mundial "Eram os Deuses Astronautas?" sob a perspectiva mitológica pop moderna! Seria essa a Era do retorno dos Heróis e palco de novas discussões do futuro do presente?

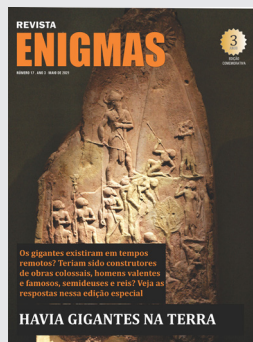
MAIK BÁRBARA | 24

CONTATO@REVISTAENIGMAS.COM.BR



NÚMERO

17



ÚLTIMA
EDIÇÃO

POR CLÁUDIO SUENAGA

ISHI-NO-HODEN: O COLOSSAL ME- GÁLITO FLUTUANTE QUE SALVOU O JAPÃO DE EPIDEMIAS

Ishi-no-Hoden é um dos monumentos mais misteriosos e desconcertantes do Japão, uma gigantesca estrutura de pedra no formato de uma TV antiga de tubo com quase 6 metros de altura e 500 toneladas de peso que parece flutuar sobre um lago na cidade de Takasago, província de Hyogo.



Você irá a partir de agora tomar parte de nossa viagem ao local e saber tudo sobre o que se acredita ser uma obra dos próprios deuses Ookuninushi e Sukunabikona, que aceitaram o desafio de construir um castelo inteiro na montanha Hodenyama em uma única noite, mas acabaram por deixá-lo inacabado por causa de uma rebelião de deu-

ses provinciais. Nestes tempos de pandemia da Covid-19, apesar das recomendações para que se evite ao máximo sair de casa, Ishi-no-Hoden vem atraindo mais peregrinos e devotos do que o habitual, que vão até ali em busca de esperança. Isso porque a lenda conta que há mais de dois mil anos, numa época em que uma epidemia desconhecida grassava

no Japão e dizimava a população, Ookuninushi e Sukunabikona teriam aparecido em sonho ao imperador Sujin e lhe dito: “Se você nos consagrar, o país estará protegido”. A consagração foi feita e a “epidemia das epidemias” cessou por completo. Ishi-no-Hoden (literalmente “Salão do Tesouro de Pedra”), um dos maiores e mais antigos enigmas da história e da

arqueologia do Japão, é um colossal megálito situado na região de Kansai, no bairro de Amidacho, na cidade de Takasago, província de Hyogo [perto de Himeji, onde fica o famoso castelo também conhecido como Hakurojo ou Shirasagijo, devido a sua fachada exterior brilhante branca, concebido e construído durante a Era Nanboku-cho (de 1336 até 1392, nos primeiros anos do Período Muromachi)], a cerca de 100 quilômetros de Asuka, na província de Nara, um lugar que possui o mesmo estilo de escultura do período Jomon (a civilização humana pré-histórica mais antiga conhecida, que se inicia em 14.000 a.C. e que também está conectada à cerâmica mais antiga descoberta, e que se estende até 200 a.C.), com destaque para o igualmente colossal Masuda-no-Iwafune (“Navio de Pedra de Masuda”), onde também estive e o qual já abordei em matérias anteriores.

Esculpida em hialoclastite, um tipo de pedra hidratada rica em vidro vulcânico negro, formada durante erupções vulcânicas submarinas ou subglaciais há 70 milhões de anos, Ishi-no-Hoden é uma das três pedras mais misteriosas ou “esquisitas” do Japão – as outras duas são o Ama no Sakahoko (segundo a lenda, uma lança plantada no topo da montanha Takachiho-nomine em Takaharu, distrito de Nishimorokata, província de Miyazaki, pelos próprios deuses Izanagi e Izanami, criadores das ilhas, rios, mares, vegetações e da vida humana do arquipélago japonês, bem como dos deuses japoneses mais populares) e o Yonku no Sinkama (quatro estranhas cubas de pedra no santuário de Okama, em Shiogama, cidade na província de Miyagi, cujas águas em seus interiores, segundo dizem, nunca transbordam, nunca espirram, nunca se cam e ainda mudam de cor em certas situações, como por exem-

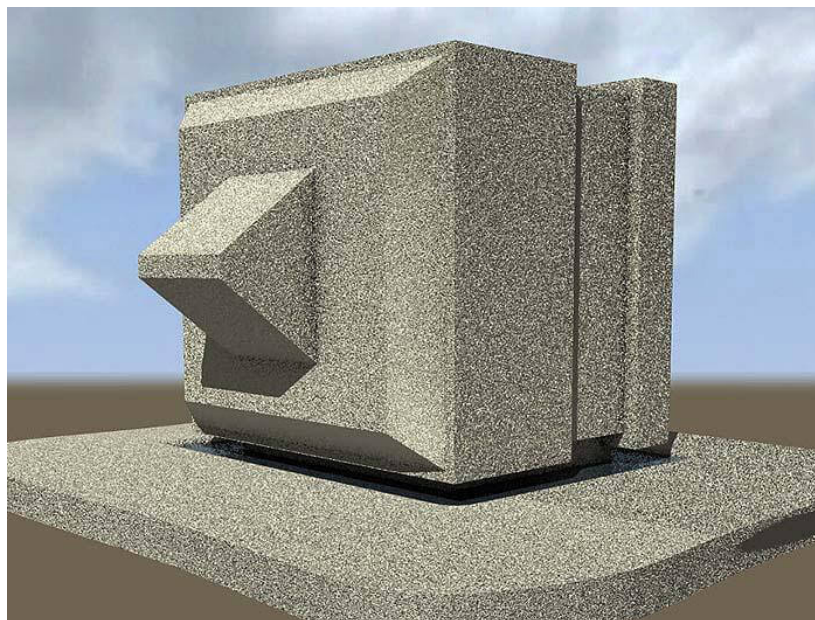
plo na irrupção de terremotos).

A pedra tem 5,6 metros de altura, 6,5 metros de largura, 7,5 metros de profundidade e um peso de 500 toneladas. Isso a torna maior do que qualquer uma das pedras usadas na construção da Grande Pirâmide de Gizé, uma vez que a maior delas pesa 80 toneladas, enquanto os blocos típicos dessa pirâmide pesavam entre 6 e 10 toneladas. Toda a área montanhosa circundante em torno chamada Hodenyama, é uma pedreira de onde há séculos se extrai a pedra Yongsan, que foi usada como material para sarcófagos e pontes de pedra de antigos túmulos. Escavadeiras, guindastes e máquinas avantajadas continuam a extrair incessantemente essa pedra, ainda utilizada como material de construção e paisagismo.

Em outubro de 2014, a pedreira de Yongsan foi designada como sítio histórico e tesouro nacional devido à sua importância. Como foi esculpida diretamente na encosta do Hodenyama pelo processo de desbaste – tal como em muitos locais, notoriamente nos túmulos e templos de Petra, esculpidos por volta de 300 a.C. em penhascos de arenito rosa

no deserto do sudoeste da Jordânia, capital do Reino Nabateu, da qual a estrutura mais notória é o Al Khazneh, um templo com uma fachada ornamentada de estilo grego também conhecido como “o Tesouro” –, não foi preciso transportá-la, o que elimina o problema quanto a sua logística. Mesmo assim, remanesce o desafio para compreender como foi esculpida, uma vez que não foram encontradas ferramentas de pedra no local nem tampouco inscrições ou gravuras de qualquer espécie que indicassem esse processo ou quem a construiu e com que finalidade.

Em um sábado tórrido e escaldante de verão no início de agosto, acompanhado de meu indefectível colega de trabalho, guia e companheiro de viagens Alexandre Akio Watanabe, partimos da pequena estação de Fukumachi, onde resido, e desemos em Osaka, e dali tomamos o trem expresso para Kakogawa, donde finalmente embarcamos no trem local para a estação de Hoden, a mais próxima da montanha. O trajeto para quem segue a pé até a montanha leva em torno de uns 20 minutos e não é dos mais agradáveis, pois as



Representação gráfica do grande megálito.



Sukunabikona (à esquerda) e Ookinushi (à direita).

ruas estreitas e sem calçamentos, de trânsito intenso, não foram projetadas com prioridade para os pedestres ou ciclistas, mas para os veículos motorizados, que impacientes passam rentes, com pressa implacável.

Sem tanta pressa, a civilização japonesa se desenvolveu ao longo dos séculos na área de Kansai e um santuário xintoísta, o Ooshiko-jinja shrine, foi construído em torno da pedra para venerá-la e homenagear o deus Onamuchi-no-kami (mais conhecido como “Ookinushi”, ou seja, “Grande Mestre da Terra”), governante do mundo invisível da magia que legou conhecimentos nos campos da agricultura e da medicina e que de acordo com a mitologia xintoísta, assumiu junto com Sukunabikona No Kami ou ainda Sukunabikona (que diziam ser tão pequena que escapava pelos dedos de sua mãe, Kamimusuhi), deusa da cura e do saquê associada principalmente às águas termais, o desafio de construir um castelo inteiro no local em uma única noite. Os deuses locais, porém, se rebelaram contra Ookinushi e Sukunabikona, reeditando o velho mito judaico dos anjos ca-

ídos que se rebelaram contra Javé, impedindo-os concluírem o trabalho, no que o palácio de pedra, de onde seria governada a nação, ficou inacabado ou semi-manufaturado, com a aparência de uma casa tombada. A versão oficial, no entanto, desmente o mito e diz que a rocha era para ser simplesmente uma tumba ou sarcófago, neste caso um muito grande e cujas cavidades para o corpo ficaram faltando. De qualquer forma, na parte de trás do escritório do santuário há um salão de adoração ao casal divino.

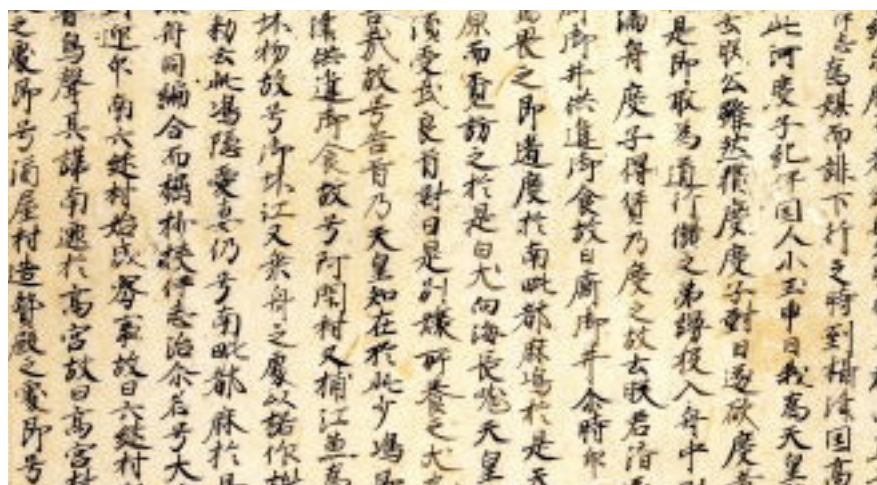
A história é nebulosa nesse sentido e não se distingue muito da lenda. Mas se a ver-

são, nesse caso, se sobrepõe ao fato, e se a lenda se sobrepõe à versão, prevalece a lenda, e assim Ishi-no-Hoden teria mais de dois mil anos de idade.

Registros dão conta de que no quinto ano do reinado do 10º Imperador do Japão, Sujin (150-30 a.C., que reinou por 68 anos a partir de 97 a.C. e viveu por impressionantes 120 anos), uma epidemia, isso mesmo, atingiu o país e metade da população veio a falecer. No ano seguinte, os camponeses abandonaram os campos e ocorreu uma rebelião generalizada. No sétimo ano de seu reinado, o imperador Sujin decidiu que deveria consultar os deuses, e por isso fez uma viagem à planície de Kami-Asaji ou Kamu-Asaji-ga-hara. Yamato-to-to-oi-momoso-hime, filha de Korei, o 7º Imperador do Japão (que reinou por 75 anos, de 290 a 215 a.C.), atuando como sibila, foi possuída por um deus que se identificou como Ookinushi e disse que a terra seria pacificada se ele fosse venerado. Sujin obedeceu, mas não houve uma mudança imediata. Posteriormente, o imperador teve um sonho no qual foi orientado a procurar um certo Otataneko e nomeá-lo chefe dos sacerdotes. Outra versão diz que as duas divindades que se acreditam residir até hoje em Ishi-no-Hoden, Ookinushi e Sukunabikona, é que teriam lhe



Ishi-no-hoden visto de cima. (foto Cláudio Suenaga e Alexandre Watanabe)



Harima Fudoki.

aparecido no sonho e lhe dito: “Se você nos consagrar, o país estará protegido”. Feito isso, a peste diminuiu, a terra se acalmou e os cinco cereais amadureceram.

A existência da pedra está documentada no Harima Fudoki [registros antigos que descrevem informações sobre a província de Harima, sendo Fudoki (“Topografia”) antigos relatórios provinciais com dados culturais, literários, geográficos, históricos, mitológicos, folclóricos e de tradição oral, compilados a partir do ano 713], de 1.300 anos atrás. Afirma-se que foi criado por Mononobe no Moriya durante a era do príncipe Shōtoku (574-622), também conhecido como Príncipe Umayado ou Príncipe Kamitsumiya, um regente semi-lendário e político influente do período Asuka (538-710); no entanto, os detalhes exatos não são confirmados e não se explica como nem por quê a pedra foi confeccionada.

Registros da história da cidade de Takasago confirmam que Ishi-no-Hoden já era um local bem conhecido durante a Era Nara (710-794). Philipp Franz von Siebold (1796-1866), médico, botânico, naturalista e explorador alemão que entrou no então isolado Japão disfarçado de holandês e introduziu a medicina ocidental nesse país, parou durante

sua viagem de Nagasaki a Edo (hoje conhecida como Tóquio) em 1826 e fez esboços detalhados da mesma, os quais publicou no primeiro volume de seu livro *Nippon*, um trabalho etnográfico e geográfico ricamente ilustrado sobre o Japão que escreveu durante sua estada em Leiden em 1832. Siebold escreveu ainda seis partes adicionais, as últimas publicadas postumamente em 1882. A *Bibliotheca Japonica*, co-escrito com o conterrâneo Johann Joseph Hoffmann (1805-1878), estudioso das línguas chinesa e japonesa, e Kuo Cheng-Chang, um javanês de origem chinesa, que havia viajado junto com Siebold da Batávia, apareceu entre 1833 e 1841. Esse trabalho continha uma pesquisa da literatura japonesa e um dicionário chinês, japonês e coreano. Os escritos de Siebold sobre religião e costumes japoneses moldaram

notavelmente as concepções europeias modernas do budismo e do xintoísmo e sugeriram notavelmente que o budismo japonês era uma forma de monoteísmo.

Iniciamos a subida do Monte Hoden, que se eleva a 65 metros acima do nível do mar, pelas escadas íngremes de pedra que ligam o sopé da montanha ao recinto do santuário de Ooshiko. Embora se possa chegar até lá sem riscos e sem dificuldades por uma estrada asfaltada levemente inclinada, não quisemos nos privar da experiência do sagrado (hierofania) e do profano (teofania) da subida da montanha (palavra que teve origem no latim *montanea*). As tradições religiosas das grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) reforçam essa concepção cósmica da montanha e sinalizam o omphalos, ou seja, o “umbigo do mundo”, vide o Calvário, ou Gólgota, como lugar de sepultamento de Adão e crucifixão e sacrifício de Jesus Cristo, o Ararat, onde encaixou a Arca de Noé, o Moriá, onde Abraão ia sacrificar seu único filho Isaac, o Sinai, onde Moisés recebeu de Deus as Tábuas da Lei, o Olimpo, morada dos deuses gregos, o Fuji, cuja patrona é a divindade terrena Konohana Sakuya Hime (“Princesa do Florescimento das Árvores”) ou Sengen-sama, simbolizada pela flor de cerejeira, etc. A circularidade em espiral expressa na



Escadas íngremes de pedra que ligam o sopé da montanha ao recinto do santuário de Ooshiko. (foto Cláudio Suenaga e Alexandre Watanabe)



Santuário de Ooshiko. (foto Cláudio Suenaga e Alexandre Watanabe)

concepção figurativa da montanha é também uma representação da vida humana. No topo está a virtude, a beatitude, a paz. No acesso ao cume aparecem as virtudes cardeais, nas faixas concêntricas em torno da montanha, como se fossem curvas de nível em circularidade eterna, aparecem os vícios e pecados humanos, os prazeres terrenos, tudo o que desvia a atenção e direção do cume, onde figura a virtude.

Para chegar propriamente ao topo do Monte Hoden e de lá contemplar o santuário e Ishi-no-Hoden e ter uma vista

panorâmica da planície de Harima, é preciso subir ainda por escadas esculpidas diretamente na rocha. Ishi-no-Hoden como que está fincado no “centro do mundo”, representando o eixo e a raiz do mesmo, como a cruz, a escada ou a árvore, numa infinita dimensão simbólica conferida pela cultura e mentalidades de todos os tempos, pela psique e pelo desejo de tocar no sagrado. Só faltou ali a cruz, pois árvores crescem nas cavidades superiores da pedra, cobertas de terra.

A seguir descemos pelos degraus de pedra até o pátio do



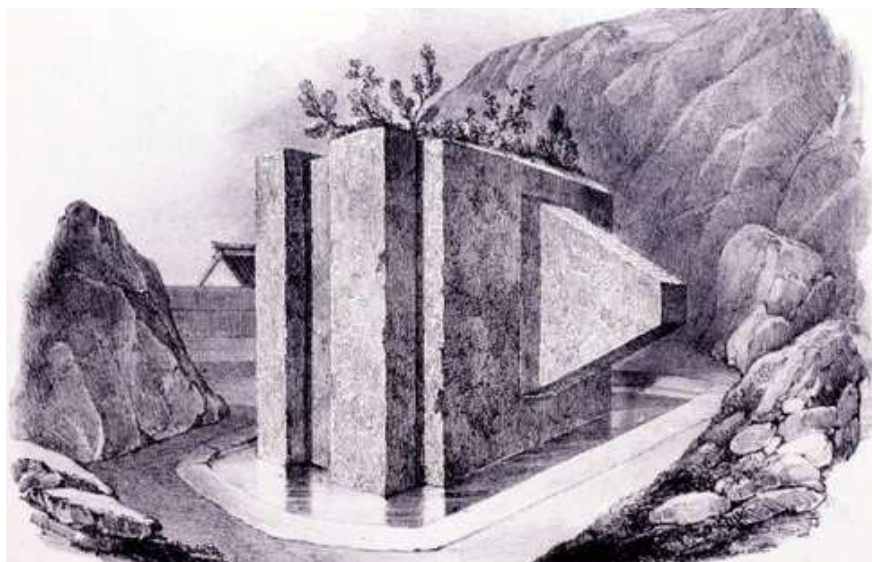
Detalhe do corte no megálio. (foto Cláudio Suenaga e Alexandre Watanabe)

santuário onde está Ishi-no-Hoden para tocá-lo e examiná-lo de perto. Tal como acontece com muitos objetos sagrados no Japão (incluindo objetos naturais como árvores), o megálio Ishi-no-Hoden é adornado com uma corda sagrada de palha de arroz (que também pode ser de cânhamo) conhecida como shimenawa, usadas nos rituais de purificação do xintoísmo.

À primeira vista, a superfície do megálio, bastante desgastada pelo tempo, com certas partes quebradas, parece ter sido desbastada artesanalmente e de modo um tanto rude, mas não se discerne traços de golpes de machados de pedra, cinzéis ou de outras ferramentas manuais. Será que a falta desses vestígios na rocha indicaria o emprego de “máquinas” ou instrumentos sofisticados desconhecidos? Há uma peça na forma de um prisma, como se fosse um cristal de quartzo, cortado em um de seus lados verticais, o que sugere que o monumento poderia ter estado virado para baixo deste lado, algo impossível, pois jamais conseguiram movê-lo de lado.

E quando você o observa de lado, não consegue deixar de pensar o quanto se assemelha a um antigo aparelho de televisão ou monitor de computador CRT (Cathode-ray tube ou tubo de raios catódicos), um tipo de válvula termiônica contendo um ou mais canhões de elétrons e um ecrã fluorescente utilizado para ver imagens inventado pelo físico alemão Karl Ferdinand Braun (1850-1918) em 1897. Recordações do futuro?

Os sulcos nas laterais e as duas cavidades escavadas não visíveis no topo aplainado, ocultas que estão sob árvores que cresceram nelas, conectam Ishi-no-Hoden a um outro mistério de pedra do Japão: Masuda-no-



Representação de Ishi-no-hoden flutuando na água, "Uki-Ishi".

-iwafune, esculpido em um único bloco de granito de cerca de 800 toneladas no topo de uma colina em meio a um bairro residencial na vila de Asuka, no distrito de Takaichi, província de Nara, que também ostenta os mesmos sulcos nas laterais e as mesmas duas cavidades – estas bem visíveis – no topo aplainado.

A estrutura inteira de Ishi-no-Hoden foi engenhosamente projetada para parecer que está flutuando sobre um lago, por isso também é chamada de Uki-Ishi ("Pedra Flutuante"). O grande reservatório de pedra ou vala na forma de uma bandeja sob o monólito, segundo os registros do templo, jamais secou, nem mesmo durante períodos de estiagens prolongadas. Consta que os níveis de água aumentam quando a maré entra (o mar é visível da montanha), por isso se atribui propriedades mágicas a essa água, tida como eficaz contra qualquer tipo de doença. Acredita-se desde tempos imemoriais que seres e poderes espirituais habitam e se concentram nos templos antigos, que se constituem em pontos conhecidos como pontos de poder. E por causa dessa água "mágica" que encobre a base do megálito que o conecta ao solo e que foi

estreitada ao máximo para não ser vista, transmite-se a impressão de que de fato está suspensa no ar. Será que esse aspecto reforçaria a tese dos defensores da teoria dos deuses astronautas de que Ishi-no-Hoden representaria na verdade uma espécie de nave espacial ou veículo antigravitacional, tal como Masuda-no-Iwafune, daí ter sido concebido como se estivesse pairando ou voando? De qualquer forma, esse efeito visual lança uma imagem poderosa sobre o conjunto.

O conselho da cidade de Taka-sago, juntamente com o labora-

tório de História da Universidade de Otemae (fundada em 1946, com campus em Itami, Osaka e Nishinomiya), conduziu estudos sobre o megálito nos anos de 2005-2006. Foram realizadas medições tridimensionais e também analisadas as características das rochas vizinhas. Não obstante, os arqueólogos e historiadores tradicionais não conseguiram chegar a quaisquer outras hipóteses quanto às ferramentas empregadas, às técnicas de construção, ao seu propósito original, etc.

Só podemos ter certeza de que Ishi-no-Hoden foi feito por uma civilização tecnologicamente desenvolvida e suficientemente avançada que não teve nenhuma dificuldade em desbastar centenas toneladas de rocha e que sabia que o monumento iria resistir à implacabilidade do tempo e às intempéries para chegar até nós como um enigma intrincado a ser decifrado. Nele há padrões geométricos e significados implícitos semelhantes aos de outros monumentos espalhados por todo o mundo. Talvez Ishi-no-Hoden seja mais uma peça desse imenso quebra-cabeças que só agora, graças aos mais avançados recursos tecnológicos, estamos conseguindo montar.



Suenaga mostrando outro detalhe extraordinário da pedra. (foto Cláudio Suenaga e Alexandre Watanabe)

Cláudio Suenaga

ILLUMINATI

A genealogia do Mal



**Os pedidos podem ser feitos diretamente
para a Editora Bira Câmara pelo e-mail: jornalivros@gmail.com.**

**ONU Clube de Roma BOHEMIAN GROVE NASA CFR LUCIS TRUST MK ULTRA
SKULL AND BONES Round Table BANCO MUNDIAL Comissão Trilateral
Sociedade Fabiana Burschenschaft UNESCO Fundação Rockefeller
Novus Ordo Seclorum Royal Institute of International Affairs
Council on Foreign Relations Clube de Bilderberg Ordo Illuminatorum**

REVISTA
ENIGMAS

ENIGMAS ACADEMIA

CURSOS ONLINE

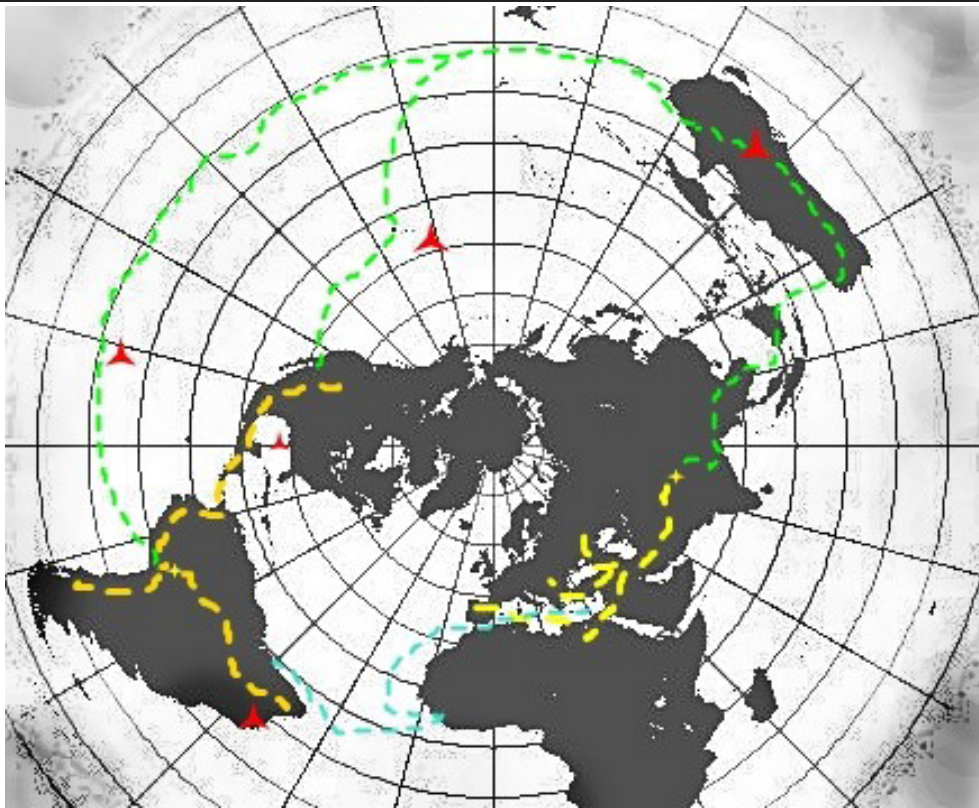


revistaenigmas.com.br/enigmas-academia/

POR DEMETRIO LORIN

A MISTERIOSA ROTA DO ALGODÃO QUE INTERLIGOU ÁSIA, ÁFRICA, EUROPA E AMÉRICAS NO MUNDO ANTIGO

Conheça o caminho que comunicava Mesopotâmia, Egito, Norte da África, Américas, além de cruzar os Andes em direção a Floresta Amazônica, deixando vestígios em um Brasil pré-histórico.



Em amarelo as rotas já conhecidas partindo da Índia e Peru. Em verde e azul possíveis rotas de ligação pelo Atlântico e Pacífico.

Todos os dias são encontrados fragmentos de nossa história em pontos difusos do planeta, o que dificulta a nossa compreensão do que de fato aconteceu em tempos remotos. São peças de um quebra-cabeça que estão espalhadas e precisam de uma linha de

raciocínio ou uma rota a se seguir. A humanidade vem usando o algodão para seu conforto há milhares de anos. Tanto a planta quanto a técnica de tecelagem foi passada a povos distantes pelos deuses que circulavam livres pelos continentes e visitavam

pessoalmente os nossos antepassados. Imagens pintadas na Serra da Capivara podem retratar esses deuses em solo brasileiro ou pelo menos dar uma dica do intercâmbio dos povos.

A ROTA DO ALGODÃO

As famosas “Rota da Seda” que inspirou livros e histórias como a de Marco Polo, e a “Rota das Especiarias”, da Índia, que ocasionalmente provocou o descobrimento acidental das Américas, foram marcos comerciais intercontinentais e já demonstravam um início de globalização.

Foram registradas por historiadores através dos relatos dos destemidos comerciantes que contratavam caravanas armadas para a travessia de solos hostis. Todavia antes mesmo da escrita para registrá-la, existiu outra rota muito maior e ficou esquecida, que teve sua origem na Índia, ou pelo menos é o que se acredita, pelos primeiros registros. Teria sido responsável pela distribuição a quatro continentes. Ela espalhou produtos vegetais, informações e tecnologias e pode ter influenciado na evolução paralela entre o chamado Novo Mundo Americano e o Velho Mundo Europeu e Asiático. Não existe até hoje um ponto de unificação, ou mesmo um agente reconhecido que tenha viajado por essa rota. Espécies de algodão endêmicos de certas regiões criam um roteiro pelo qual o algodão pode ter atravessado oceanos e espalhado pelo mundo como mostra Beltrão e Araujo (2004, p. 17): “[...] das mais de 50 espécies de algodão já identificadas e classificadas, existem seis alotetraploides, ou seja, espécies que apresentam o genoma duplicado. São elas: *Gossypium tomentosum*, endêmica do Hawaii, *G. mustelinum*, do Nordeste brasileiro, *G. darwinii*, do arquipélago dos Galápagos, *G. lanceolatum*, do México, *G. barbadense*, da parte Central da América do Sul, e o *G. hirsutum*, da América Central.”

Por incrível que pareça o país que tem mais espécies silvestres de algodão é a Austrália, com 17 espécies endêmicas de algodão,



Diversidades de espécies de milhos nativos da América.

classificadas nas seções Sturtia, Hibisco Idea e Grandicayx, pertencentes ao subgênero endêmico Sturtia.

Traçando uma linha entre os pontos em que essa planta aparece em um mapa chegamos a possível ROTA DO ALGODÃO, que interligaria as rotas conhecidas na Índia, Mesopotâmia, Egito, Norte da África e Europa com a rota Americana que parte do Peru, América Central, México e sul dos Estados Unidos, além de cruzar os Andes em direção a Floresta Amazônica.

A MÃO DO HOMEM

O homem vive em uma constante mudança, e tudo que o cerca acompanha essa evolução. Animais como cães, gatos, cavalos, vacas, galinhas e muitos outros que foram domesticados, já perderam sua identidade com a natureza, e teriam dificuldades para recuperá-la no atual estágio de dependência com os humanos.

Em relação aos vegetais, não é diferente, as principais espécies usadas pelo homem vem sofrendo ao longo do tempo mudanças que os impedem de se reprodu-

zir por conta própria devido às mudanças genéticas que lhes foram impelidas pelas mãos dos homens. Usando como exemplos a comida brasileira, existem 40.000 tipos de feijões sendo que no Brasil se plantam 13 espécies mais comuns, do arroz existem mais de 2.000 espécies, em todo o mundo, esses grãos fazem parte da alimentação dos homens há milhares de anos.

O milho é o exemplo mais claro de mudança genética, quando os índios americanos comiam as espigas menores e plantavam sementes apenas das maiores, conseguiram um avanço significativo no tamanho das espigas produzidas, porém criou-se uma camada adicional de palhas que impede a produção independente desse vegetal. No descobrimento das Américas o milho estava distribuído dos Estados Unidos até a Argentina e com certeza essa disseminação foi feita pelos humanos que adotaram como principal fonte de alimento. Ao serem levados para locais distintos e cultivados, novas espécies vão surgindo com a adaptação das plantas ao solo e climas diferentes.

O ALGODÃO

Muito comum à humanidade, o algodão possui cerca de 50 espécies arbustivas, “consideradas nativas” das regiões subtropicais e tropicais, algumas das quais são utilizadas para a produção da fibra têxtil. Pelas mudanças climáticas enfrentadas pela humanidade a proteção do corpo se fez necessária, e até mesmo uma questão de nivelar hierarquicamente algumas pessoas na antiga sociedade pré-histórica.

Diferente de descascar cozinhar e comer, o algodão necessita de tecnologia para chegar ao produto final, fio, corda ou tecido. Da mesma forma que aves fazem seus ninhos, recolher plumas e fazer enchimentos para uso geral seria normal em qualquer parte do mundo onde esse vegetal pudesse ser encontrado, porém a transformação em fios é tecnologia e pode ser associada ao uso de lã animal que é muito parecido a forma de uso e a perícia para transformá-la.

Quando falamos da distribuição de espécies animais pela terra traçamos rotas de migrações, estudos genéticos definem

as raças mais antigas e assim encontram ponto de origem. Os vegetais dependem de agentes de disseminação, no caso do algodão apenas o vento espalha as plumas carregando a semente.

Essa forma de dispersão não teria como explicar a presença desta planta em continentes diferentes, tal qual o milho teria que ser levado pelo homem.

A INCRÍVEL LENDA DO ALGODÃO NORTE AMERICANO

Os habitantes das atuais reservas indígenas da América do Norte contam que, há muito tempo, seus ancestrais, os índios tobas, viviam em uma área chamada Gran Chaco. O tempo estava sempre ameno nunca fazia muito frio ou muito calor, então eles viveram felizes em seu acampamento pacífico que era como se sempre fosse primavera.

Um dia sem avisar o inverno chegou e deixou todos preocupados. A temperatura caiu e o sol desapareceu atrás das nuvens. As árvores perderam as folhas e os animais se foram.

Os mais sábios se reuniram e resolveram pedir ajuda ao deus

da luz, Naktannon, que lhes deu o algodão e ensinou-lhes a tecer roupas.

Assim conseguiram sobreviver ao inverno.

A LENDA TUPÍ-GUARANÍ DO ALGODÃO

No nordeste brasileiro existe uma lenda Tupi, que conta sobre o início dos tempos quando os índios não tinham parada fixa e dormiam em cavernas ou em frondosas árvores para fugir das feras.

Um pajé chamado Sacaibu guiou seu povo para um lugar melhor, onde havia fartura de comida e água. Eles puderam construir ali suas ocas e pela primeira vez se fixar em um território. Sacaibu recebeu das mãos do deus Tupã uma semente que plantou e ao perceber que nas suas flores tinham tufo branco, colheu e teceram cordas fortes com eles.

Havia próximo a aldeia um precipício que não podiam descer, e, portanto, com a confecção das cordas, puderam pela primeira vez acessar esse local desconhecido.

Encontraram um povo lá embaixo que tinha muita cultura e lhes ensinaram a cultivar a terra, domesticar animais, fazer cerâmica e tecer o algodão que tinham recebido de Tupã.

Em ambas as lendas o algodão foi lhes dado por um deus, e a técnica de tecer lhes foi passada por alguém que já a possuía. Também podemos entender que no Brasil os índios eram nômades, os famosos caçadores-coletores. Algo muito interessante na lenda norte-americana é a presença das mudanças climáticas, a última glaciação que atingiu aquele continente com muita força e ficou gravado na memória dos mais antigos. Essa lenda é contada da mesma forma na Ar-



Mais antigo fragmento de tecido e amostra do índigo com 6.200 anos, encontrado no assentamento pré-cerâmico Huaca Prieta norte do Peru.

gentina e Uruguai.

Em resumo sempre há um pouco de veracidade nas lendas, se soubermos separar o real da fantasia. Em países como o Peru as mais antigas lendas já demonstram a presença das roupas e conhecimento do algodão. Na Venezuela a lenda conta que alguém que já conhecia a técnica de fiação e dormia em uma rede de algodão ensinou ao restante do povo que usavam redes desconfortáveis, e assim o algodão foi espalhado pela América.

ETIMOLOGIA

A palavra ALGODÃO deriva de al-quTum, na língua árabe, porque foram eles na qualidade de mercadores, que difundiram a cultura do algodão pela Europa, ela gerou os vocábulos cotton, em inglês; coton, em francês; cotone, em italiano; algodón em espanhol e algodão em português. Os espanhóis ao chegarem na América, encontraram no México e Peru uma população que cultivava algodão e usava roupas feitas com seus tecidos. Como curiosidade procurei saber como era chamado o algodão no Peru, em quechua “UT K HU”, veja um paralelo entre o nome original árabe “AL QU TUM” e “UH K TU” o inverso da denominação Inca, pode haver uma ligação histórica entre esses termos. Já na língua Tupi-guaraní o termo é ainda mais parecido “gündê”, não é certo entre pesquisadores e tradutores desta língua como se vocalizava, mas as consoantes G e D em sequência dão uma boa equivalência sonora, ao árabe que se pronuncia qatan e o espanhol godon.

PRIMEIROS VESTÍGIOS

O fragmento mais antigo de algodão foi encontrado em Mehargarh no Baluchistão, parte da Índia antiga, onde suas fibras foram encontradas mineralizadas em contas de cobre ao lado

do pulso de um esqueleto. Esta é a amostra física de algodão mais antiga do mundo, pois ela foi rastreada até o 7º milênio a.C.

Estudos detalhados provaram que as fibras são de sementes de algodão maduras e foram extraídas por um processo refinado. Isso indica a maturidade do método de cultivo do algodão na Índia e a extração da fibra há pelo menos 9.000 anos.

No Peru, o algodão foi parte da espinha dorsal do desenvolvimento de culturas litorâneas como as Moche, Chico, Nazca, ele era cultivado rio acima, transformado em redes e comercializado em vilas de pescadores ao longo da costa em troca de grandes suprimentos de peixes. Também eram usadas em trocas com povos andinos e amazônicos.

O cultivo da espécie local de algodão, *Gossypium barbadense*, foi descoberto como restos de tecidos datados de 6.200 anos atrás e se mostra o mais antigo vestígio de tecido encontrado no mundo. O clima árido peruano foi fundamental para a preservação desse fragmento da história.

O ÍNDIGO AZUL

Esse fragmento antigo de tecidos de algodão, encontrado no assentamento pré-cerâmico de Huaca Prieta, na costa norte do Peru, retêm traços de um pigmento azul que foi analisado positivamente e identificado como corante de índigo, tornando-se o mais antigo uso desse produto no mundo, provavelmente obtido a partir de espécies do gênero *Indigofera* “nativa da América do Sul”. Isso faz do seu uso 1.800 anos mais antigo que o datado da dinastia V do Antigo Egito [cerca de 4.400 anos atrás]. Um exemplo muito citado da antiguidade, são as faixas azuis encontradas nas bordas dos tecidos de linho que cobrem as múmias egípcias



Um exemplo da planta do índigo e uma porção do ouro azul.

datadas de aproximadamente 2400 a.C. Outro exemplo é uma tábua cuneiforme de 600 a.C. encontrada na Mesopotâmia com uma receita para tingir a lã de azul imergindo e arejando repetidamente. Quanto ao nome, ele provavelmente vem do Vale do Indo, mesma origem do algodão, onde existia uma civilização muito antiga que no seu auge abrigou mais de 5 milhões de habitantes. Arqueólogos recuperaram sementes de pelo menos 4 espécies diferentes do gênero *Indigofera* no local e também recuperaram restos de tecidos tingidos de azul.

Embora a fonte original do corante seja incerta, foi a partir daí que os gregos e romanos provavelmente descobriam o produto que ficou conhecido como índigo para o mundo oriental. A raridade da cor e a dificuldade para produzir o corante, fez dele uma opção apenas para as elites. Por muito tempo, o índigo foi conhecido como “ouro azul”, a cor dos faraós e da realeza, em todo o mundo.

O índigo é um elemento de purificação, e até mesmo antibacteriano, em várias formas de medicina tradicional na Europa e Ásia. A cor azul que lembra o céu é com certeza um dos motivos de admiração, mas também o processo de oxidação quase mágico na produção faz parte dessa ob-



Essa é a pintura rupestre mais antiga já encontrada, faz parte de um sítio arqueológico da Indonésia.

sessão. Segurar um novelo de lã e observar a cor passar de verde para um azul profundo deve ter sido tão maravilhoso no passado quanto é ainda hoje. Além da raridade, a produção do corante também demandava muito trabalho. As plantas precisavam ser cultivadas, colhidas, tratadas e fermentadas. São muitas variáveis e algo poderia dar errado a qualquer momento. A tecnologia usada na fabricação desse produto não acontece ao acaso depende de muitos anos de aprimoramento.

AINDA NA AMÉRICA

No México, restos de algodão foram descobertos em uma caverna perto de Tehuacán, que remonta a 5500 a.C., 7500 anos atrás, porém sua antiguidade foi questionada como sempre acontece, a data mais aceita e confiável academicamente falando, é da domesticação de *Gossypium hirsutum* no México entre cerca de 3400 e 2300 a.C., que não deixa de ser uma idade muito antiga.

RELATOS ESCRITOS

Conforme descritos na literatura atual, algodão foi cultivado pela primeira vez na Ásia há cerca de 7.000 anos pelos harappas, habitantes da civilização do Vale do Indo, que ocupou grande parte do subcontinente noroeste da Índia, incluindo partes do atual Paquistão oriental. A fibra é frequentemente transformada

em fio ou linha e usada para fazer um tecido macio e respirável, seu tecido é conhecido desde os tempos pré-históricos sempre relacionados a civilização do Vale do Indo. Os harappas foram os primeiros a fabricar roupas de algodão. Produziram obras de arte, adornos e utensílios domésticos usando barro, pedras variadas, bronze e marfim. Também foram bons agricultores, especialmente no cultivo de frutas e cereais. E iniciaram as rotas de comércio até a Mesopotâmia.

Na Grécia o algodão só aparece após a conquista da Índia por “Alexandre O Grande”, no século IV a.C., porém já era conhecido há séculos pelos comerciantes fenícios com suas várias jornadas pelo mediterrâneo, negociavam com tecidos de algodão como uma de suas riquezas, isso há mais de 5 000 anos.

Quanto a Roma, o algodão foi amplamente utilizado como fibra primária para tecelagem após a conquista da Ásia Menor.

O algodão é uma planta conhe-

cida desde os tempos antigos na Pérsia e na Babilônia. Os tecidos egípcios eram principalmente dessa fibra vegetal. A história do algodão atesta a alta qualidade das roupas dos antigos egípcios, especialmente as vestes sacerdotais, feitas com a fibra mais fina.

A domesticação do algodoeiro ocorreu há mais de 4.000 anos no sul da Arábia e as primeiras referências históricas ao algodão estão no Código de Manu, do século VII antes da Era Cristã, considerado a legislação mais antiga da Índia, esses escritos antigos apontavam que as Índias eram a principal região de cultura e que o Egito, o Sudão e toda a Ásia Menor já o utilizavam como produto de primeira necessidade.

Já nessa época a qualidade do algodão egípcio se destacava em relação ao originário da Índia, com fibras maiores e mais finas. O mesmo aconteceu nas Américas onde hoje o algodão do México é mais difundido comercialmente que o do Peru.



Líbia, à esquerda nativos nus em um pintura datada de 5.000 anos. À direita datada em 7.000 anos a presença de roupas de algum tecido.



Colômbia, Serra de Chiribiquete, pinturas rupestres de 20.000 anos apresentam formas geométricas que parecem mantas de algum tecido podendo ser lã ou algodão.

PINTURAS RUPESTRES

A escrita Cuneiforme Suméria e o Sânscrito Indiano competem entre si como mais antigas formas de escrita, e em ambas existem citações da presença do algodão nos primórdios da história. Porém, além dos relatos escritos, podemos buscar mais vestígios que demonstrem a presença dos tecidos em tempos mais remotos.

As pinturas rupestres são as mais antigas formas de expressão humana, e que podem ser pesquisadas, as imagens que descreviam o dia-dia desses longínquos povos em diversos lugares do mundo evidenciam a maneira com que eles se descreviam.

Seguindo cronologicamente algumas amostras de artes rupestres, dentro de um perímetro ao redor das regiões iniciais de cultivo de algodão temos na Indonésia, a mais antiga pintura rupestre com 45 000 anos de antiguidade, e nela mostra homens que aparecem nus ou com tângas, também apresentavam o início de domesticação de cães, bovinos e carneiros. Não demonstram nada que pareça com roupas ou peças de tecido de algodão.

Na Argélia pictográfico de 12

mil anos ainda mostra representações dos humanos caçando nus, estágio considerado de caçadores-coletores. Nesse período a Terra ainda estava muito fria, era o início do degelo da última Era glacial, somente nessa posição geográfica equatorial poderiam sobreviver sem auxílio de roupas.

Na Índia, há 9.000 anos, apresentavam domesticação de cavalos e bovinos, mas os homens desenhados não apresentam vestimentas aparentes, na imagem que pertencente ao “Abrigo na Rocha de Bhimbetka”, pequenos detalhes como cordas no arreio



Índia 9.000 anos “Abrigo na Rocha de Bhimbetka”. Pequenos detalhes como cordas no arreio do cavalo, cordão do arco e uma espécie de rede de caça podem ser vestígios da presença do algodão.

do cavalo, cordão do arco e uma espécie de rede de caça podem ser vestígios da presença de tecnologia de fiação de lã, crina ou algodão. Conforme já vimos em achados arqueológicos o algodão já era conhecido na Índia havia um início de estudo ao uso de suas fibras.

Na Líbia, pinturas rupestres de 7.000 anos, já apresentam seres vestidos, podendo ser a presença do algodão nessa região, ou o linho que é considerado o tecido mais antigo do norte da África, enquanto outras pinturas datadas de 5.000 anos, nativos nus, mostrando diferentes fases de evolução das culturas em uma área próxima.

Uma outra interpretação é que apenas durante rituais de cunho religiosos esses trajes eram usados, como podemos ver os enfeites nas cabeças, enquanto que nos afazeres diários normalmente não se usavam roupas, como aqui no Brasil foi relatado na chegada dos Portugueses.

Na Colômbia na região em torno da Serra de Chiribiquete, uma parede com pinturas rupestres de 20.000 anos não apresentam humanos vestidos, porém formas geométricas parecidos com man-

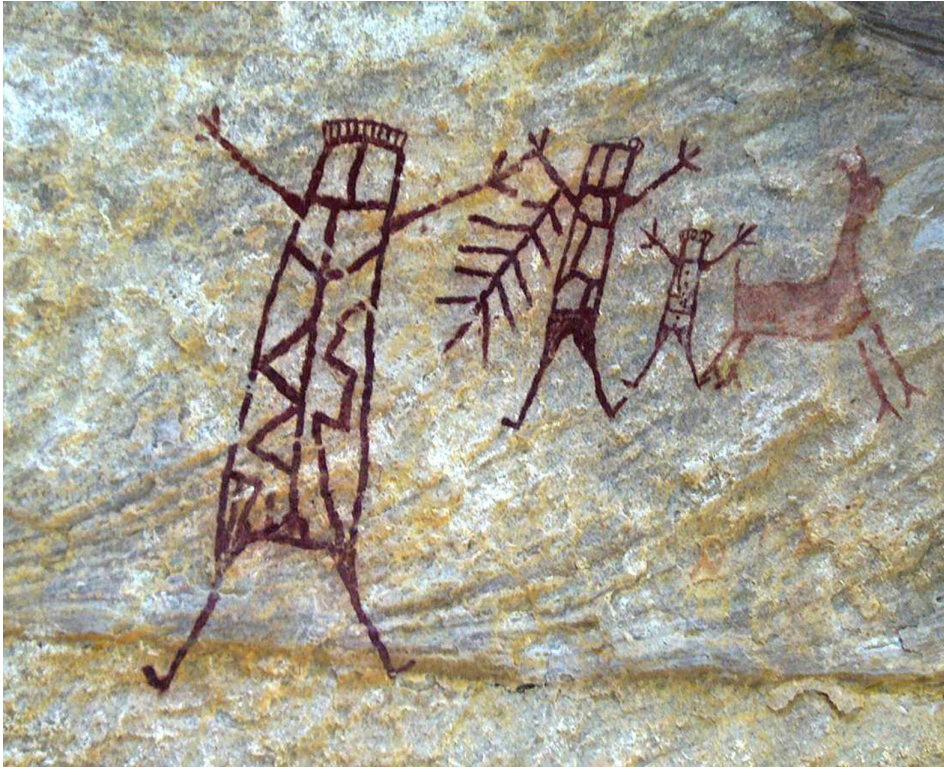


Imagem de homens usando roupas, serra da Capivara.

tas de algum tecido podendo ser lã ou algodão. Essa descoberta deixou pasmos os pesquisadores por mostrar que sulamericanos conviveram com espécies de animais extintos da megafauna antes da chegada do povo Clóvis atravessar o Estreito de Bering.

A SURPRESA FICOU PARA O BRASIL

O parque nacional Serra da Capivara é uma unidade de conservação brasileira, que fica localizada em uma área pertencente a quatro municípios do Piauí, são eles Canto do Buriti, Coronel José Dias, São João do Piauí e São Raimundo Nonato, com 35.000 hectares, possui a maior e mais antiga concentração de sítios pré-históricos da América.

Estudos científicos confirmam que a cadeia montanhosa de Capivara era densamente povoada na Era pré-colombiana, os artefatos encontrados apresentam vestígios do homem há mais de 50.000, podendo ser 100.000 anos.

Patrimônio Cultural da Humanidade - UNESCO, além de contar com os mais antigos exemplares da América, também contém a maior quantidade de pinturas rupestres do mundo. Dos mais de 1.100 sítios arqueológicos do parque, cerca de 900 possuem pinturas rupestres com idades entre 13.500 e 3.500 anos. Essas imagens enfatizam uma enorme gama de objetivos, e ao qual elas representam. Cientistas brasileiros e franceses estudam desde 1973 esses desenhos, datando restos de carvão pertencente as fogueiras dos acampamentos e tentando desvendar seu significado, seguindo o modo de agir desses primeiros povos a deixar sua marca nessa terra.

Entre tantas imagens que retratam a fauna, hoje a maioria já extinta, situações de caça, de danças, com ênfase aos movimentos que tentam expressar. Muitas imagens foram apresentadas como sexuais, o parto, início da vida e tudo mais que cada um possa interpretar dentro da

perspectiva e do conhecimento científico.

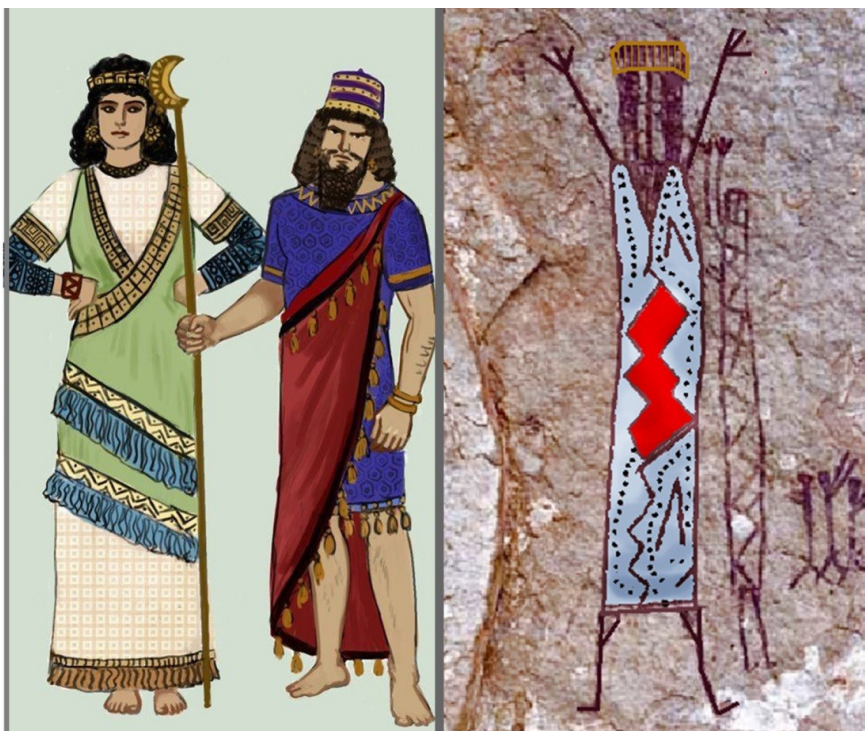
As representações humanas, desenhados na pedra, mostram seres nus onde o “falo” está sempre presente como parte da definição de homem. Isso é natural que aconteça, pois mesmo depois de milhares de anos quando Cabral chegou ao Brasil, o que encontrou foram pessoas nuas, como relata nesse trecho da carta de Pero Vaz de Caminha:

“Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma.”

As pinturas são a própria interpretação dos homens que viveram no nordeste brasileiro, na época em que o clima era diferente e existia fartura de água e alimentos nessa parte que era um oásis na América do Sul, o calor que se mantinha nessa região preservou os humanos da glaciação que transformou grande parte do Brasil em desertos gelados, como hoje é a patagônia no sul da Argentina.

REGISTROS DE GIGANTES?

Como não existe uma tradução literária para pinturas rupestres, isso é, elas não são consideradas escritas que tenham uma compreensão única, existem lacunas para interpretações que diferem dos cientistas que trabalham nesses sítios arqueológi-



À esquerda uma figura que representa as antigas roupas dos sumérios. À direita uma pintura rupestre da serra da Capivara. (preenchida a pintura para comparação).

-cos. Imagens de humanos usando roupas, (talvez de algodão), aparecem com uma antiguidade de pelo menos 6.000 anos, dentro da datação oficial do sítio.

Em algumas pinturas os nativos nus aparentemente correndo em fuga de homens de grande porte e vestidos, também podem estar saldando suas divindades. Os detalhes de pés e mãos dos nativos são apenas traços, não se distingue, apenas nesse caso, o pênis exposto demonstrando a nudez, enquanto que os humanos de tamanho desproporcional têm mãos e pés desenhados algo que chamaria a atenção pelo tamanho descomunal.

Se comparar com indumentárias sumérias, a barba ou gola em V o tecido cruzado com franjas e desenhos geométricos, é perceptível a similaridade. Poderiam ser o povo mais evoluído da lenda do algodão, ou até mesmo o deus Tupã que entregou a semente a SACAIBU.

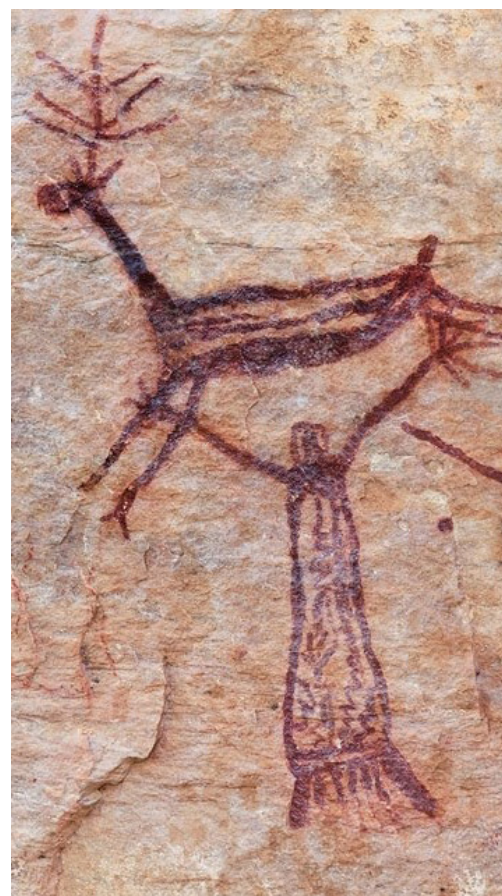
DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA

Os históricos gigantes da suméria como Gilgamesh, deixaram imagens onde demonstravam sua força, isso fica explícito se compararmos algumas pinturas, as roupas e detalhes dos dedos das mãos, algo que impressionou o artista, esse é com certeza um ato de exibicionismo. Um detalhe que pode até ser insignificante devido a pouca qualidade do desenho na pedra, porém o homem que ergue o veado possui seis dedos em cada mão, um erro ou constatação de que os antigos gigantes tinham essa característica. A posição do cervídeo com pescoço erguido representa tal qual o leão de Gilgamesh, que o animal está vivo. Não há nada parecido com um nativo carregando um animal desse porte inteiro e sem ajuda. Para que não se diga que o tamanho dos desenhos sejam apenas uma questão de posição na imagem em relação a perspectiva ou profundidade, analisando melhor algumas

pinturas, pode-se ver retratadas a presença de gigantes vestidos ao fundo acompanhando a caçada, onde humanos diminutos e sem roupas correm entre os animais. Fica uma ênfase também ao tamanho dos animais em relação aos nativos Brasileiros.

Baseado nessas artes rupestres, pintadas na Serra da Capivara há milhares de anos, podemos supor um elo de ligação das rotas do algodão, e até confirmar a lenda que explica a presença do algodão nativo do Brasil. Como a datação dessas figuras rupestres são variadas podemos até ter o registro dos responsáveis pela difusão do algodão pelo planeta. Em comparação das vestimentas, insere nesse contexto a presença dos povos do Oriente Médio nas Américas.

A disseminação do conhecimento pelos continentes, metalurgia, cerâmica, padrões de



Pintura rupestre da Serra da Capivara, uma exibição de força.

construções, como o das pirâmides escalonadas, e o algodão com toda sua tecnologia da fiação à tecelagem, levam a crer que as lendas apresentam uma mínima verdade. Até mesmo no tingimento dos tecidos encontrados em ambas as rotas usam a mesma planta e cor e a mesma complexa técnica para obtê-la. São detalhes que podem demonstrar a possível travessia dos Oceanos, e que começaram bem antes do que se acredita. Os povos fenícios e sumérios, entre outros podem ter viajado pelas Americas Pré-colombianas.

Como já foi dito anteriormente, as diferentes espécies de algodão existentes no mundo, podem ser apenas modificações de uma espécie original, alterada durante milhares de anos pela mão do homem, plantadas em solos e climas distintos, com melhorias ou não do produto final. É uma mescla entre acertos e erros que leva o homem a criar uma base sólida de conhecimento ao longo de sua história.

Essa evolução paralela entre

os continentes sugere a interação entre povos por meio de navegadores antigos. Também a domesticação de animais para retirada da lã, Carneiros no Oriente Médio e Alpacas no Peru, se faz ao mesmo tempo. Isso não é nem cogitado pela ciência atual mas não por falta de provas e sim por uma determinação das Elites Acadêmicas. Os possíveis “gigantes sumérios” pintados no Brasil certamente poderiam ter entregue a semente de SACAIBU.



Bolsa anunnaki em pintura rupestre do Rio Grande do Norte.

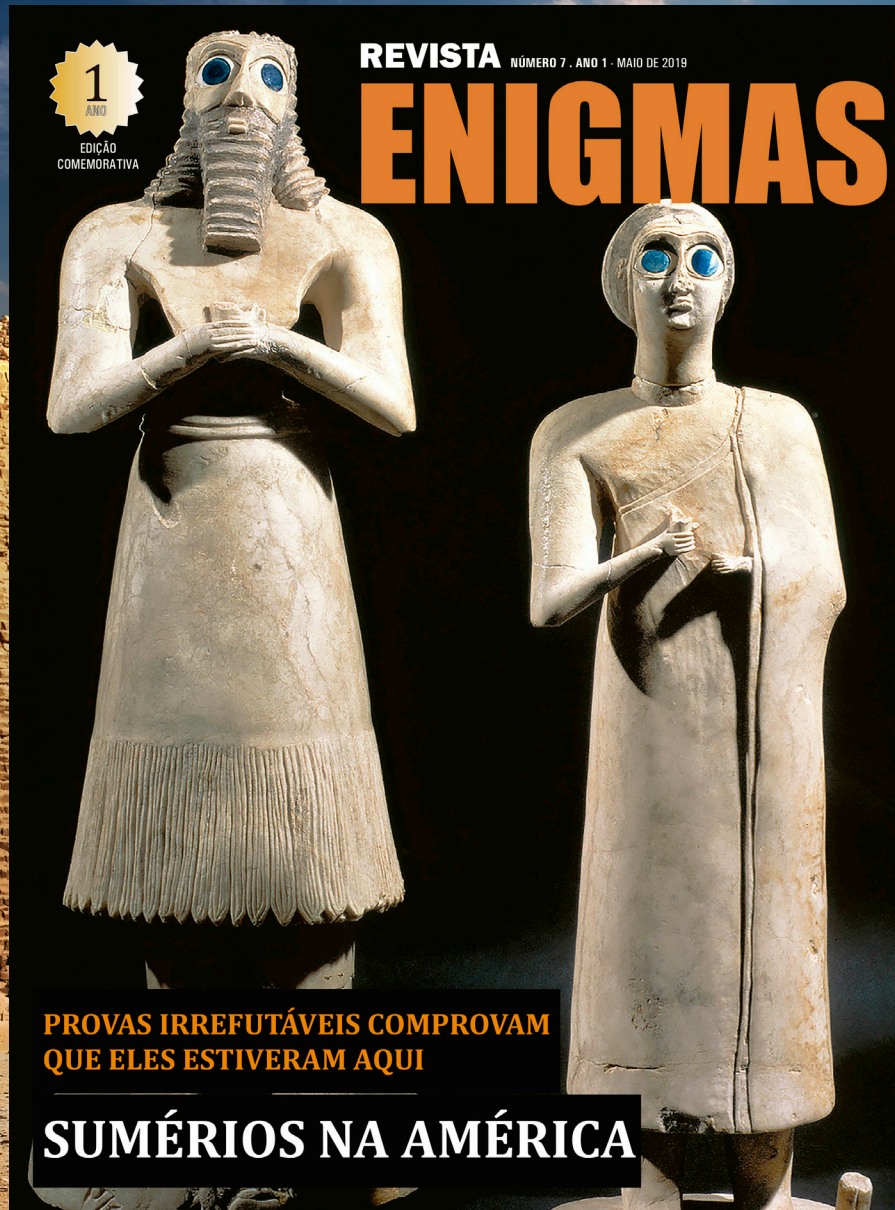


Imagem muito conhecida do rei sumério Gilgamesh.



Pintura da Serra da Capivara um humano de grande estatura usando roupas acompanha a caçada dos pequenos nativos nus.

A HISTÓRIA DA HUMANIDADE COMO VOCÊ NUNCA VIU



1
ANO
EDIÇÃO
COMEMORATIVA

REVISTA NÚMERO 7 . ANO 1 - MAIO DE 2019

ENIGMAS

PROVAS IRREFUTÁVEIS COMPROVAM
QUE ELES ESTIVERAM AQUI

SUMÉRIOS NA AMÉRICA

ANUNCIE AGORA NA REVISTA ENIGMAS
CONTATO@REVISTAENIGMAS.COM.BR

POR MAIK BÁRBARA

A SAGA “ETERNOS” DA MARVEL E A TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

Quando pisamos na Lua ou Marte, os Alienígenas somos nós! A teoria do best-seller mundial “Eram os Deuses Astronautas?” sob a perspectiva mitológica pop moderna! Seria essa a Era do retorno dos Heróis e palco de novas discussões do futuro do presente?



Os mitos e lendas, heróis e deuses de milhares de anos de história, todos narrados, recontados, reciclados, esquecidos e ressuscitados pelo estudo da história moderna. Pesquisadores sempre na busca para decifrar as origens que desconhecemos dessas quimeras mitológicas. Por vezes, as origens dos seres mitológicos são atribuídas ao imaginário humano e desenvolvimento evo-

lucionário cognitivo da espécie Homo sapiens e, posteriormente, nós, os sapiens sapiens. Resíduos literários, registros de contos e cantos históricos, estudos e hipóteses enfim, foram geradas. O lendário e fantasioso é endereçado às divindades do passado, e a fé cega é concedida aos deuses ou deus do presente. A conotação lúdica e até utópica do foco narrativo dos mitos antigos, do povo

ou época que está se estudando, gera inúmeros Mitos da Criação para a tentativa frustrada de uma fórmula definitiva da origem e desenvolvimento bem-sucedido da raça humana até o ponto atual, ou seja, do progresso cognitivo e intelectual que se destaca das demais espécies do mundo, sobrevivendo e evoluindo entre os antigos homínídeos que um dia habitaram a Terra.

Mito da Criação se define por ser a descrição simbólica de um povo específico e isolado que traduz seu passado e origem através dos costumes orais, culturais e organização social, onde descrevem o mais remoto início daquele foco civilizatório, do mundo e as coisas que pertencem ao ecossistema ao redor de seu ponto de desenvolvimento e perspectiva social.

Através de inúmeras hipóteses evoluíram as teorias, e hoje temos o termo TEORIA MAIS ACEITA, ou seja, o conjunto de hipóteses que têm provas arqueológicas que sustentam sua veracidade de forma completa ou em parte e, por consequência, se encaixam em uma teoria maior, por fim, essa teoria gera um emaranhado de hipóteses de vários autores que formam a congruência de ideias e fechamento da teoria em si.

A Teoria Mais Aceita é algo que gera conforto no meio acadêmico ao passar do tempo, e principalmente nas últimas 10 décadas, uma vez que novas evidências e provas podem ser esca-

vadas por arqueólogos do mundo todo, o que completaria as lacunas da formação da dita então, Teoria Mais Aceita – reforçando: é o termo para a teoria que mais se enquadra aos estudos de determinado assunto e momentum da evolução historiográfica gerada por determinado foco de estudo e/ou estudiosos.

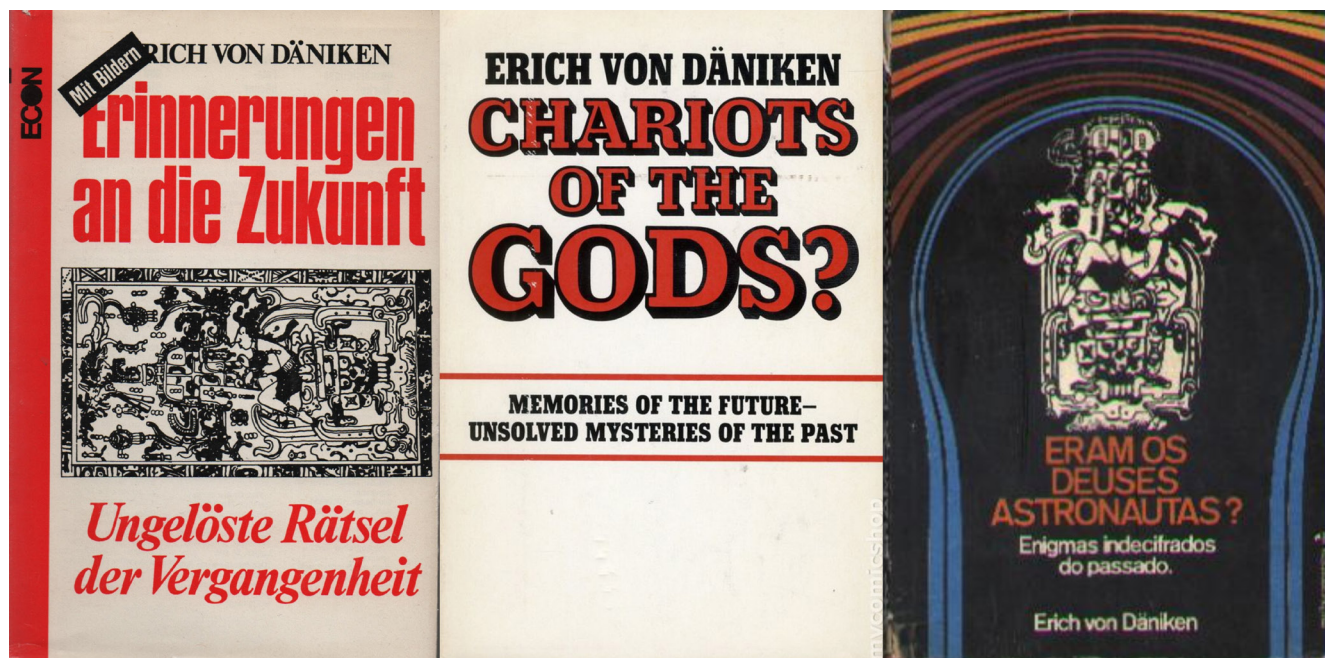
Todavia, nem sempre a Teoria Mais Aceita é a teoria que deveria estar vigente, pois por vezes a ciência se dispõe a ser corrigida, infelizmente sempre sob brigas faraônicas, tal como o grande caso e fato de 1913 e a “nova” teoria da Deriva Continental, que derrubou a então teoria vigente e mais aceita que tentava explicar a formação dos continentes na face da crosta terrestre. Até aquele ano, não era entendido que a crosta terrestre está sobre o manto externo e movimentada grandes placas tectônicas que sustentam os continentes e oceanos sobre elas. Ao invés disso, por mais de 100 anos o pensamento era totalmente diferente e muito bem aceito.

Todavia, a nova teoria não foi

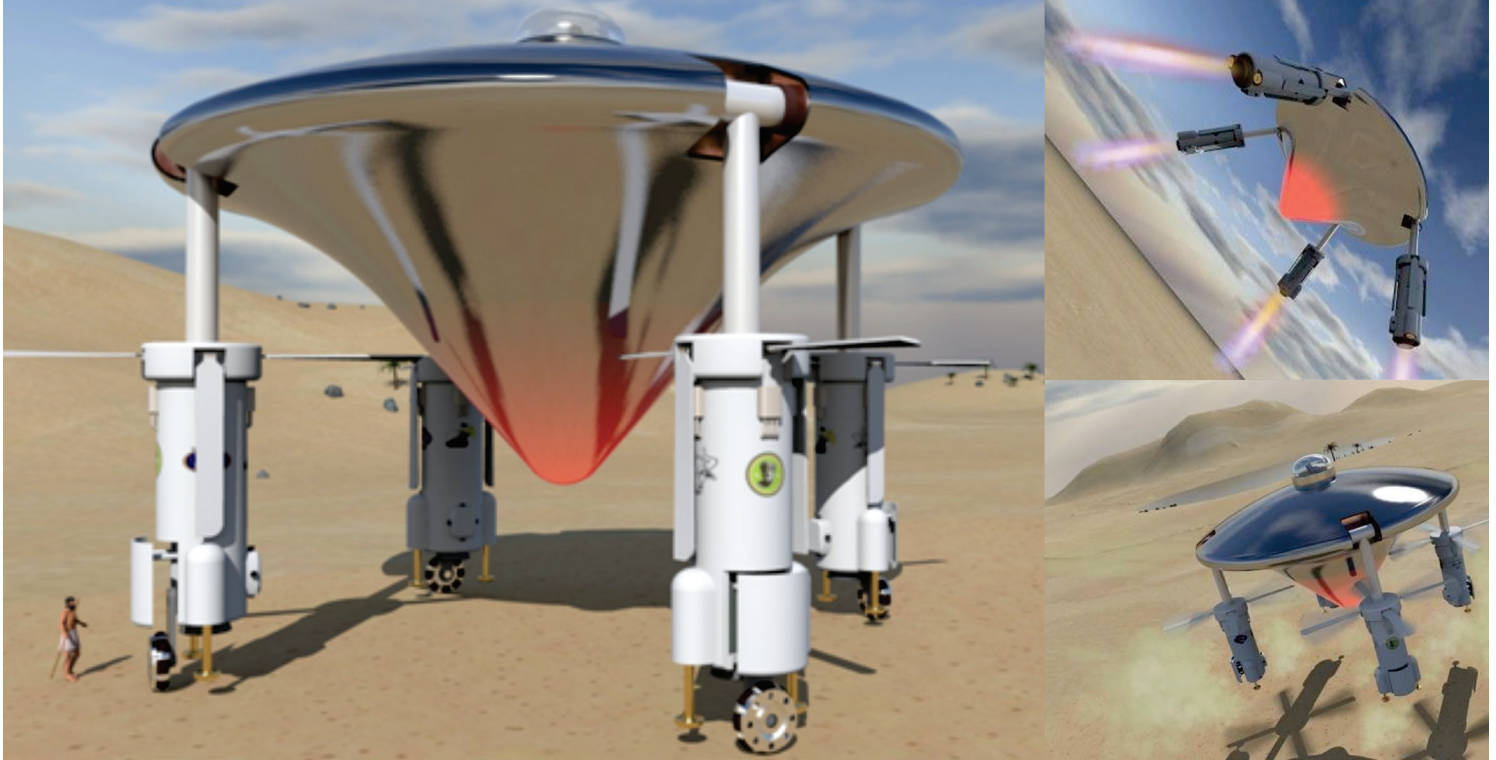
acolhida de primeira, e levaram-se anos até que o meio acadêmico, enfim, desse o braço a torcer para as novas evidências, afinal de contas, se um mundo inteiro de experts acadêmicos e experientes profissionais não pensaram naquilo, não seria um moço em seus tenros 33 anos de idade, Alfred Wegener, que sozinho desbancaria estudiosos do mundo todo.

E é exatamente nesse ponto que reside o conflito e polêmica na aclamada teoria da obra *Erinnerungen an die Zukunft*, do original em alemão, ou como na tradução para o inglês: *The Chariots Of The Gods?* (As Carruagens dos Deuses? – tradução literal), ou em sua versão publicada em português brasileiro: *Eram os Deuses Astronautas?*, lançada pelo suíço Erich von Däniken em 1968.

Von Däniken após décadas de estudos, traduções de textos antigos, viagens exploratórias, experiências e análises exaustivas, propõe em sua primeira obra lançada que a Terra foi visitada por entidades viajantes planetários



As primeiras edições lançadas da obra e suas traduções. Da esquerda para a direita: Alemão, Inglês e Português Brasileiro. Inúmeras novas edições com melhorias tanto no projeto gráfico quanto na quantidade de imagens são relançadas anualmente.



A Nave de Ezequiel. Erich von Däniken explora uma passagem bíblica da qual narra uma das visões do profeta Ezequiel. De posse do texto, e transcrito para que não houvesse influência de interpretação, um engenheiro foi convidado para desenhar o que havia na descrição. A imagem se refere ao que ele vislumbrou ao ler Ezequiel 1:4. Josef F. Blumrich reafirma a engenharia da descrição em sua obra derivada: As Naves Espaciais de Ezequiel.

ou temporais no passado remoto de sua existência, interferindo na evolução e no mundo como o conhecemos. Além disso, deixaram indiretamente o registro de sua passagem pelo planeta, e através da perspectiva narrativa ingênua e ignorante em certos fatores de humanos da antiguidade, milênios antes da Era Comum, foram vistos como deuses ou entidades divinas até mesmo por religiões ainda presentes dos dias modernos. Ou seja, antes do ano zero da contagem do calendário gregoriano que o ocidente segue ainda houve contato.

Ao contrário do que acontece com muitas teorias propostas, e até a Teoria Mais Aceita da evolução e história humana, a Teoria dos Antigos Astronautas não se consolidou totalmente, e ainda hoje levanta polêmicas. Mais de 50 anos após o lançamento da obra do então jovem e altamente letrado Erich, lançada quando ele tinha apenas 33 anos, divide opiniões entre céticos, estudiosos, curiosos e afins.

A década que seguiu o lança-

mento de sua obra que logo se tornou um best-seller angariou fãs do mundo todo, porém um público segmentado. Todavia, foi necessário a teoria esbarrar em apenas um entusiasta um tanto mais importante que a difusão saltou de certa faixa etária para o público consumidor de histórias em quadrinhos.

Uma das mais importantes interações que o livro desencadeou em 1976, e ainda irá causar maior aderência em geral, divulgando mais a temática do Eram Deuses os Astronautas?, é o profundo diálogo que o livro tem com o tão esperado lançamento do filme: *The Eternals*, os Eternos, do UCM - Universo Cinematográfico da Marvel, anterior *Marvel Comics*. Pois a criação desses heróis guarda profunda comunicação com a construção dos personagens de *Jerky Kirby* e os deuses da antiguidade de diversos povos.

O popular canal de cultura pop é um poderoso meio de comunicação com o mundo todo, sem nivelamento etário ou cultural. Seria esse um ótimo meio

para introduzir a Teoria dos Antigos Astronautas de uma forma indireta e deixá-la plausível para o mundo de forma a compreendermos algo maior?

A TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

A Teoria dos Antigos Astronautas como o próprio nome sugere trata a possibilidade de seres altamente evoluídos tecnologicamente viajarem pelo espaço na exploração de novos mundos e descobertas, tendo então vindo até Terra em tempos imemoriais à raça humana e a compreensão tecnológica que há na atualidade.

Todavia, ao tratar de uma premissa de estudos tão polêmica, deve ser desenvolvida uma compreensão prévia e básica, a origem linguística que envolve os termos principais da origem das palavras-chaves e a interação da nova hipótese ao tema em si. Para tanto, a palavra *Alienígena* deve ser dissecada. É, de fato, um termo interessante, pois não muda muito quanto à sua conotação

principal original ao ser traduzida de sua origem em latim: *alienígena*, *ae* – significando “aquele de origem estranha, estranho, estrangeiro”, porém empregada ao termo estranho, de forma exclusiva a estranhos à região onde novos indivíduos adentravam os domínios. Já nessa nova percepção, em português, é atribuída a entidades viventes oriundas de outro planeta ou lua.

É importante ressaltar também que diferente do que o cinema emulou na mente das pessoas do mundo todo por décadas e décadas, a visão científica sobre alienígenas se estende a dois grupos principais: seres microbianos e inteligentes, complexos.

Ao se pensar em corpos extra Terra, ou extraterrestres, compreende-se a vida não apenas a partir das moléculas de carbono, mas também entidades passíveis de vida a partir de outros elementos químicos, e dividindo-os basicamente nos dois tipos já citados: seres capazes de terem corpos complexos e raciocínio lógico, e do tipo sob tamanhos microscópicos e aparentemente inertes à característica inteligência.

Embora ainda não tenha sido divulgada a constatação de vida complexa e inteligente, por vezes foram encontrados fragmentos comprobatórios que denuncia a presença de vida de alguma forma nos orbes extraterrenos. Exemplo disso poderia ser enquadrado os meteoros fossilizados com vida microbiana também conservada ali, de milhares, se não, milhões de anos atrás.

Tal como o exemplo do coordenador do grupo de astrobiologia da NASA Richard Hoover, que em 2011 publicou um artigo científico no periódico *Journal of Cosmology* – Periódico de Cosmologia, em tradução literal, e convidou mais de 100 especia-

listas e 5.000 outros cientistas a revisar seu trabalho. Ele declarou que a atitude de solicitar muito mais análises e perspectivas multidisciplinares para concordância de seu trabalho seria necessário devido ao alto cunho controverso de sua descoberta. Ou seja, a prova definitiva de vida ter acontecido fora da esfera global, onde os humanos se acham sozinhos no Universo.

A questão sobre a descoberta de Richard é que seu foco de estudo se baseia em organismos extremófilos – que têm composição básica a partir do carbono e enxofre, e sobrevivem, ou vivem normalmente, a ambientes geoquímicos extremos e hostis, prejudiciais à maioria das outras formas de vida conhecidas da Terra. E os filamentos fossilizados que ele detectou em um meteoro caído na Terra demonstra que aquele rastro de vida, sobreviveu a algum evento espacial que expulsou um pedaço rochoso de algum asteroide, planeta ou lua, e a bactéria sobreviveu naquele pedaço rochoso e flutuante no vácuo espacial até que o meteoro se prendeu à gravidade da Terra e, enfim, caiu em nosso planeta. Sendo assim, uma prova definitiva que a vida existe em forma similares ao modo que se iniciou na Terra bilhões de anos atrás, e que isso pode ter ocorrido milhões de anos antes da Terra ter mostrado vida complexa pela primeira vez, sendo então mais uma prova para as hipóteses da teoria da panspermia e um fragmento de que essa mesma vida pode ter se desenvolvido em outros planetas como a Terra e encontrado o caminho da inteligência intelectual bem antes da raça humana.

“Estas bactérias fossilizadas não são contaminantes terrestres, ou seja, bactérias terrestres que possam ter contaminado o meteorito. São restos fossilizados

de organismos vivos que existiram em corpos celestes similares aos deste meteoro, como cometas e luas”, disse Richard Hoover, Astrobiólogo, NASA, Publicado em *Journal of Cosmology*, 2011.

Além disso, a descoberta coordena hipóteses que levam a comunidade científica a especular que é passível de existir entidades desenvolvidas em outras regiões fora da Terra, que se desenvolveram desde milhões de anos atrás e podem até estar no mesmo nível evolutivo que estamos como espécie hoje, ou anterior a nós, ou até mais, muito mais adiantados.

O livro de Von Däniken explora exatamente essa possibilidade, como já citado, porém sua abordagem comprobatória parte de hipóteses que a história distorcida da humanidade possa ter deixado como uma pista para que pudéssemos ler ao olhar para trás.

Suas observações e explorações pelo mundo todo, arremete a revisar a história e passado humano sob uma ótica nunca explorada antes dele, onde Erich promoveu pesquisas desde sua juventude.

Além de ser um excelente estudante, como inteligente linguista traduziu idiomas antigos como parte do currículo escolar. Tais traduções focavam em textos religiosos, principalmente bíblicos, tendo a oportunidade de traduzir fragmentos de originais antiguíssimos durante sua estadia em colégios religiosos no período de estudo fundamental e ginásial, e posterior ensino superior, com o tempo certas questões lógicas começaram a incomodar sua mente sem dogmas.

É importante lembrar que Däniken chegou quase 50 anos antes que Richard Hoover e suas descobertas científicas no campo

da pesquisa e comprovação de vida alienígena junto à NASA.

Däniken observou que os textos bíblicos eram incongruentes em determinados momentos, mas acima de tudo, como um estudioso de religiões, viu na cosmogonia de diversos povos a semelhança mitológica e narrativas até idênticas em certos pontos. Argumentos linguísticos que iam muito além da reciclagem mitológica proposta por Joseph Campbell em sua obra *O Herói de Mil Faces*, 1949. Haja vista que vários desses povos estavam isolados territorialmente por continentes ou oceanos, ou em ilhas mares adentro, ou separados por centenas, se não milhares de anos entre a decadência de uma civilização e apogeu de outra.

Os monumentos megalíticos, as deidades, os mitos da criação. Suas pesquisas exploraram em vários âmbitos algumas lacunas que as teorias vigentes não explicam, ou não agregam artefatos descobertos depois que a Teoria Mais Aceita ganhou o pódio de campeão entre os acadêmicos de suas respectivas áreas.

O livro *Eram Deuses os Astronautas?*, lançado em 1968, foi um sucesso quase instantâneo. Traduzido para diversos idiomas nos anos subsequentes, em 1970 ganhou um documentário de 1h32 que consolidou a teoria para o público em geral e os não-leitores. Acadêmicos pelo mundo refutaram certos aspectos da teoria alegando falta de metodologia adequada, em outros momentos citaram a falta de provas, todavia, vários parâmetros das análises de Däniken, mesmo sem a alegada metodologia adequada, não conseguiram desbancar.

Em premissa, pessoas da antiguidade de vários continentes e povos, em tempos concomitantes ou distintos, presenciaram a vinda de astronautas de outro pla-

neta, ou seja, estranhos, ou extra-terrestres, ou como os antigos e sua perspectiva possa tê-los nomeados: deuses. O primitivismo ancestral e pré-histórico, assim como da Idade Antiga (3500 aC até 476 dC), ou até depois disso, reconheceu Àqueles que do Céu Vieram, Anunnaki em sumério, como entidades superiores, os cultuaram e viram em seus atos benevolência, construíram templos, monumentos e narraram o compartilhamento de conhecimento. E esse é um ponto importante à teoria em si, pois é uma das hipóteses que Erich levanta. O livro deveria ser leitura obrigatória para todo aspirante a estudioso, seja por curiosidade, seriedade, ou apenas conhecimento. Sem o pensamento dogmático a humanidade estaria muito além do que o ponto que está hoje tanto moral como evolutivamente.

A partir de 1968 uma nova teoria de origens e revisionismo histórico se manifestou. Ela abarca a possibilidade de civilizações humanas e antigas terem sido visitadas por seres adiantados. Esses povos antigos figuravam ao nível da pré-história ou até mais antigas. E assim como seus mal compreendidos visitantes, a teoria passou a figurar no orbe de estudos, por vezes injustiçada, mas presente. Desde então cativa novos intelectuais a estudar com mais afinco a possibilidade da veracidade das alegações, ou ao menos considerar a possibilidade de que é proposta.

Desde 1968 a teoria dos antigos astronautas transita entre o imaginário dogmático ou realidade intelectual, sempre sobre uma linha tênue. Mas figura! E novas pesquisas, descobertas, estudos, áreas e profissionais cada vez mais integram o hall de curiosidade humana sobre o assunto.

OS ETERNOS

A empresa hoje conhecida com

uma das duas grandes editoras de HQ (quadrinhos) nem sempre teve esse nome. Sua história começa como a Timely Comics que durante 1930 a 1940 cresceu e distinguiu-se nos Estados Unidos como a chamada Era de Ouro do Quadrinhos. Mas de fato a Marvel Mystery Comics marcou presença com esse nome em 1939, o que foi usado até 1961, quando passou a ser nomeada apenas como Marvel Comics.

A criação de personagens heroicos, roteiros e ilustrações assim como tudo que cerca o departamento criativo de uma empresa de criação de HQs demanda vasto conhecimento em diversos campos do conhecimento humano. Tal como o filme *Interstellar* do diretor Christopher Nolan lançado em 2014, que teve 3 físicos teóricos como consultores dos roteiristas a fim de manter a verossimilhança dos acontecimentos do filme segundo as Leis da Física e Teorias vigentes até aquele ano.

A Marvel, assim como a maioria dos autores e empresas do ramo, também mantém seus recursos criativos intimamente ligados com a narrativa verossímil, ou seja, uma narrativa ficcional que se mantenha plausível e possível, provável por não contrariar a verdade e/ou a realidade em que vivemos e/ou é proposto dentro do enredo da história. Essa é inclusive uma técnica narrativa que autores aprendem durante sua jornada de desbravamento das técnicas de escrita criativa.

Além desse fato para manter a narrativa verossímil, ainda há de se manter a necessidade de servir à demanda cultural ou social do público-alvo. Sendo assim, ofertar histórias das quais há demanda para serem consumidas. Seguir a boa e velha lei da oferta e demanda. E é exatamente nesse

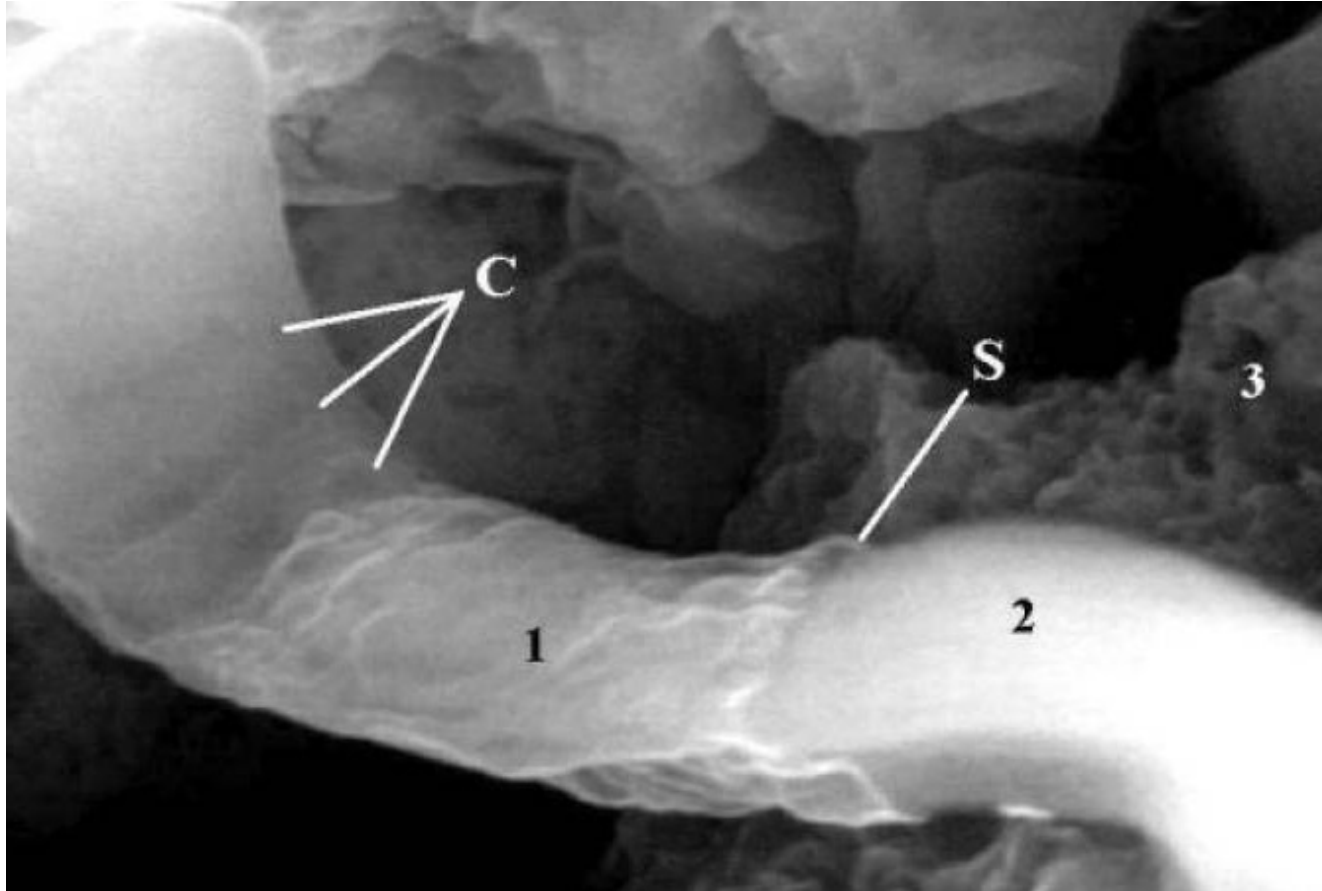


Foto da publicação do artigo no *Journal of Cosmology, Periódico de Cosmologia*. Na imagem é apontado o filamento fossilizado de um organismo orgânico de origem alienígena encontrado através de observações e profundos estudos em um asteroide caído na Terra. Os resultados foram frutos das pesquisas e liderança departamental do coordenador Richard Hoover, pela divisão de astrobiologia da NASA.

cenário que a desbravada sobre a teoria de Erich von Däniken começa dentro do mundo pop da época do primeiro lançamento.

Em meados de 1976, o então desenhista, arte-finalista, roteirista e editor que trabalhava para a Marvel Comics, Jacob Kurtzberg, ou como é mais conhecido sob seu nome artístico: Jack Kirby, 1917 a 1994, criou o HQ *The Eternals*, *Os Eternos* - em tradução literal. Ano no qual foi publicada a primeira edição que apresentaria esses heróis aos leitores.

Kirby é um nome de peso no meio cartunista, como cocriador já trabalhou com gigantes da indústria e participou da criação de personagens consagrados e recentemente explorados pela indústria cinematográfica, tal como *Capitão América*, *Homem de Ferro*, *Thor*, *Os Vingadores*, *Pantera Negra*, *Homem-Formiga*, *Nick Fury*, *Doutor Estranho*, *Quarteto Fantástico*, *X-Men*, *Hulk*

e muitos outros. Esses últimos tinham até um apelido quando a criação era concebida: Personagens Lee-Kirby. Ao contrário do que muitos pensam, Stan Lee é sim um dos cocriadores dos personagens, mas nunca trabalhou sozinho, sempre teve o suporte do estúdio, e ele não sabia desenhar, ele era um autor, Kirby criava as artes conceituais de personagens que Lee vislumbrava, e juntos fomentavam tudo. No final, não se sabia onde começava ou terminava a parte de cada um.

Jack também foi autor e criador de personagens dentro da DC Comics, concorrente direta da Marvel Comics por décadas, e até os dias atuais. Sendo um marco desses serviços prestados por Kirby, o personagem *Darkseid*, simplesmente um dos maiores vilões da DC de todos os tempos. Para os mais cinéfilos, uma referência seria *Thanos* (Marvel Comics), que não se compara a

Darkseid (DC Comics), pois não são personagens equivalentes, mas cada qual sustenta uma posição dentro de seus universos de criação, e *Darkseid* está algumas esferas acima de comando e poderes que *Thanos*, mais conhecido pela série de filmes do UCM - Universo Cinematográfico Marvel.

Como um profissional multitarefas no campo da arte criativa, Kirby prestou serviços para diversos estúdios, e por vezes migrou de um para o outro em pequenos intervalos de tempo. Não apenas como ele, mas vários outros artistas já tiveram essa experiência. E isso gerou semelhanças entre personagens de estúdios concorrentes. "Copia, mas não faz igual, por favor" - já dizia um garoto para o outro sobre o trabalho atrasado para entregar na 5ª série. O cruzamento de informações entra exatamente aqui.

Kirby também é citado como

um admirador da teoria proposta pela obra *Eram os Deuses Astronautas?*, e a aderência popular do best-sellers de 267 páginas arrebatou não apenas a atenção de Jack, mas de populações inteiras ao redor do globo.

Novas perspectivas estavam sendo exploradas em relação a vários mistérios dos quais arqueólogos, historiadores, engenheiros e diversas áreas do conhecimento humano não conseguiam responder. Ao menos, não ainda e até então, ou até os dias de hoje. E isso desencadeou demanda. Logo, a oferta seria muito bem recepcionada.

Para a editora esse foi um ótimo ponto de partida e argumento para suprir a demanda mercadológica reprimida do meio de comunicação que englobava os jovens leitores de HQs, assim como com os mais velhos que admitiram e apreciavam essa arte literária em forma de narrativa cartunista. Já para Kirby foi a oportunidade de uma vida, expressaria o que acreditava de realidade do mundo através da ficção.

Kirby se baseou, em parte, na Teoria dos Antigos Astronautas para criar sua própria mitologia. Um novo mundo de acontecimentos que remontariam dezenas, centenas de milhares de anos no passado da humanidade.

O autor criou um enredo tão vivo quanto a teoria em si, o que com o passar dos anos desde o lançamento do livro de Von Däniken, vem se consolidando mais ainda em alguns aspectos, e nos anos recentes passou a ter maior propriedade de conhecimento do público em geral. Tudo, graças e, através, de programas e documentários que focam o estudo histórico com a perspectiva do foco narrativo de Erich. Dois grandes exemplos disso são: as inúmeras temporadas da série

documental *Alienígenas do Passado*, onde Erich é um dos principais idealizadores junto à equipe do canal a cabo History Channel, e o conteúdo do canal de streaming Gaia, do qual tem vasta programação a respeito de pesquisas inovadoras, novas perspectivas científicas, e onde também há vários programas que tratam de “arqueologia proibida” ou revisionismo histórico, e em vários deles abarcam as premissas de Däniken e até ramificações de estudos que ele foi o precursor.

Mas a leitura e a fantasia poderiam ir mais longe no meio dos HQs do que uma obra literária conseguiria penetrar na população em geral, ao menos durante a década de 1970. E assim foi.

A primeira aparição de *Os Eternos* aconteceu em 1976 e a vendagem foi satisfatória o suficiente para a publicação de vários outros números, todavia como era comum acontecer com diversos HQs da época e até o final dos anos 1990, a série foi cancelada, inclusive sem encerrar várias tramas. Os encerramentos não aconteciam devido ao insucesso ou dificuldades financeiras, mas na maioria esmagadora das vezes era por falta de continuidade de projetos e discordâncias internas. Algo que após a década de 1990 mudou. Posteriormente, os personagens apareciam em histórias cruzadas, ou como no termo em inglês, em *Crossovers*, dentro de outros HQs, tal como *Thor* número 301.

Apenas em 1985 que a saga de *Os Eternos* voltou a ser publicada sob a autoria de Mark Gruenwald e Roy Thomas, o que rendeu a encomenda da editora para 12 novas edições, e ali mesmo já começaram a fazer algumas alterações na mitologia e origens dos personagens.

Houve também sagas dos *Eternos* contra os personagens

mutantes da Marvel Comics, os *X-Men* em 2003, sem esquecer de citar algumas aparições nos anos 2000.

Todavia, o que marcou mesmo a história desses personagens e novamente algumas alterações em suas origens e até nomes, foi a versão lançada a partir de 2006: uma minissérie de autoria convidada pela Marvel Comics de nada menos que Neil Gaiman e o artista John Romita Jr.

Mas por que tantos detalhes seriam relevantes para a matéria?

É exatamente nos detalhes que podemos reconhecer traços da mudança cultural de tradições orais ou não, que os povos da antiguidade promovem nas narrativas dos feitos de seus deuses e heróis, mitos e lendas, e a forma que alguns fatores mudam de forma até sutil, porém significante que chegam a se tornar um grande mal-entendido. E quando ocorre a tentativa de retomar a versão original dos fatos que deram origem às lendas, se percebe não ser mais possível. Sim, essa é uma realidade que historiadores e arqueólogos enfrentam rotineiramente, a narrativa nunca está completa, sempre com lacunas, e aberta a interpretações.

Os *Eternos* tiveram nomes alterados, origem mudada, transição de raça, personalidade recriada, novos personagens introduzidos, e nos próximos lançamentos do cinema e universo cinematográfico da Marvel, gêneros e etnias serão remanejados.

Ajustes e adequações são feitas para encaixar melhor à narrativa da demanda cultural e social do meio que recebe a informação. Com poucas décadas de criação ficcional, os *Eternos* passaram por inúmeras mudanças. Se compararmos isso com a narrativa histórica de mitos e afins de nos-

sa realidade, podemos ver claramente as bruscas alterações que populares imagens que temos de alguns personagens são totalmente distorcidos.

Temos o registro cartunista e narrativo escrito para verificar essas mudanças, mas a historiografia não conta com tanto, e temos que ter em mente que por vezes a Teoria Mais Aceita é baseada em hipóteses nem sempre tão prováveis. Temos que considerar que há distorções narrativas pelos milênios, e gerações que contaram os fatos através da tradição oral apenas. Que quem conta um conto, sempre aumenta um ponto.

EXPLORANDO OS ETERNOS

No início havia apenas os Celestiais, seres gigantes, maiores que luas pequenas. Os Celestiais criaram a vida senciente, e os Eternos foram fruto desse ato, eles são uma das três raças, criados juntamente com os Deviantes e os humanos.

Os Eternos são seres humanoides detentores de capacida-

des sobre-humanas, e possuem poder a vida eterna. Não importa a forma que eles morrem ou se têm seu corpo totalmente destruído, eles voltam a reaparecer dentro de sua nave mãe ou base.

Os Deviantes são entidades grotescas, animais e humanoides que detêm aptidões semelhantes às dos Eternos, todavia escolheram desenvolver-se para o mal.

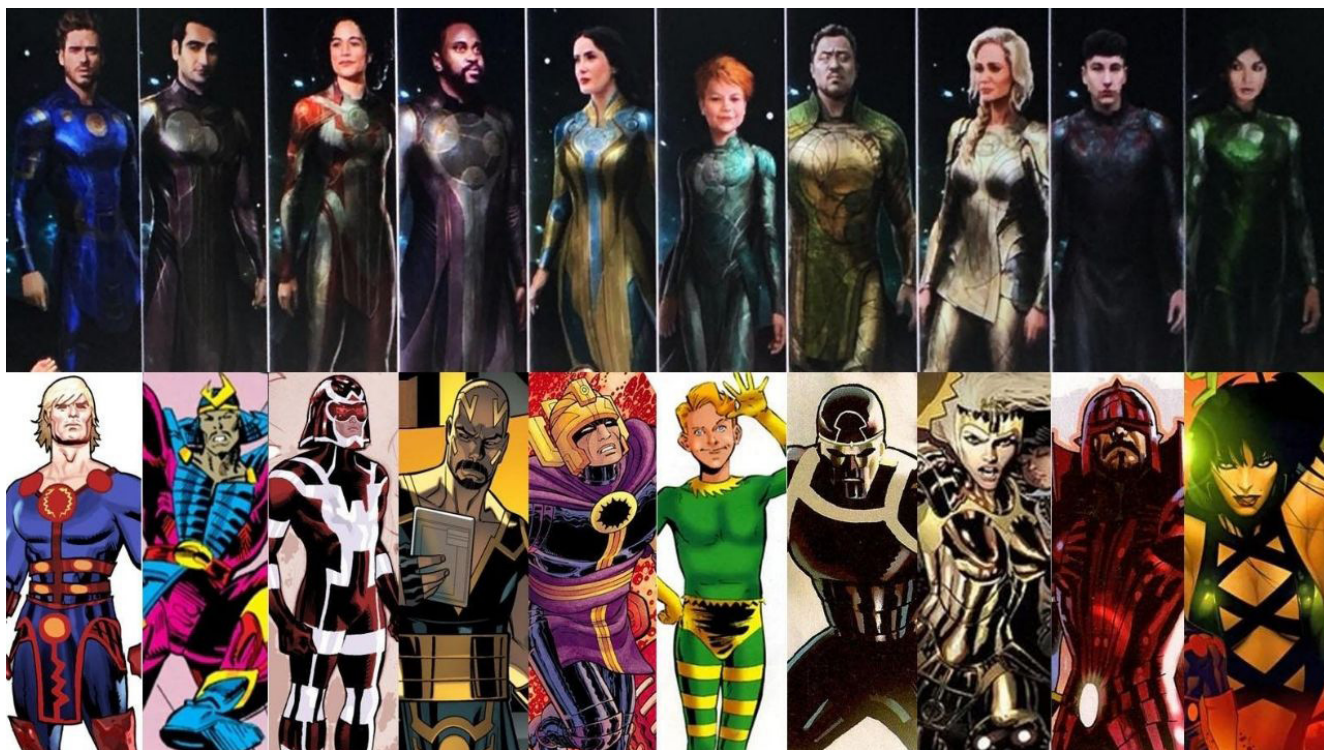
Os pobres humanos, desprovidos de poderes e desenvolvimento dessas habilidades que as duas outras raças tinham, passaram a ser tomados como foco de escravidão e sofrimento pela mão dos Deviantes.

A mando dos Celestiais, os Eternos guerrearam contra os Deviantes e os eliminaram da existência. Todavia, por vezes, quando Eternos se uniam como casais, um ou outro Deviante surgia. Cada Eterno tem o gene Deviante suprimido em seu DNA. Após a destruição dos Deviantes, inúmeros Eternos deixaram a função de guardiões do planeta Terra e partiram para povoar a

lua de Júpiter, Titã. Um dia, Thanos, filho de dois Eternos moradores da lua Titã, nasceu. O Titã Louco nasceu com aparência Deviante, porém intelecto altamente desenvolvido, maior até que os maiores pensadores e cientistas com milhares e até milhões de anos de idade. Esses são alguns pequenos trechos resumidos das sagas, tramas envolvendo os Eternos e seus enredos.

Interessante ressaltar que o personagem Thanos, famigerado vilão já conhecido do UCM, foi criado por Jim Starlin, em 1973 para figurar em uma das histórias do Homem de Ferro, Iron Man #55, que admitiu ter se baseado no vilão de seu concorrente, DC Comics, Darkseid. Porém usou o enredo de Os Eternos para contar a origem do Titã Louco. O nome ficcional foi inspirado no deus grego Thánatos, literalmente “morte” em grego antigo, ou Thanatus em latim vulgar. A personificação da morte.

Um ponto alto aqui é a reciclagem mitológica entre povos, porém nesse momento praticada dentro do mercado concorrente



Da esquerda para a direita: Ikaris – Richard Madden, Kingo – Kumail Nanjiani, Makkari – Lauren Ridloff, Phastos – Crian Tyree Henry, Ajak - Salma Hayek, Sprite - Lia McHugh, Gilgamesh – Don Lee, Thena – Angelina Jolie, Druig – Barry Keoghan, Sersi – Gemma Chan.



UCM, Chegada dos Eternos na Terra na pré-história.

de cartunistas. Outra característica que historiadores também enfrentam, e o exemplo acima demonstra, é a inspiração de um personagem ou embasamento em algo da realidade para criar a ficção. No caso, o ficcional Thanos a partir da mitologia de Thánatos.

Inclusive nas histórias de origem do personagem da Marvel Comics, Thanos, ele é apaixonado pela entidade Morte e sua perdição e aderência do apelido de Titã Louco se dá por ele descobrir tardiamente, apenas dezenas de anos depois de suas ações tirânicas envolvendo chacinas planetárias, que ao conversar com sua amada, apenas ele a via, e sua tripulação e depois personagens não. A Morte o enganou por vezes incontáveis e anos sem fim, emulando o que Sísifo fez ao enganar Thánatos.

Na mitologia grega, Zeus manda que Thánatos vá buscar Sísifo para levá-lo para Hades, desempenhando seu papel que hoje seria visto como o Ceifador. Porém ao encontrar com Sísifo, Thánatos, a personificação da Morte, recebe inúmeros elogios dizendo que era extremamente belo e Sísifo desejava presenteá-lo com um colar. Thánatos permite que o colar seja dado. Assim que Sísifo

fecha o colar ao redor do pescoço de seu oponente, Thánatos compreende a armação, e só então percebe se tratar de uma coleira encantada. Aquilo impediria a Morte de buscar qualquer um para seu suspiro final, e enquanto ele estivesse preso, ninguém mais morreria na Terra. E assim começou mais uma rinha entre Hades, Ares e Zeus, provocada por Sísifo. No mundo, nada se cria, tudo se co-cria.

E as semelhanças com a Teoria de Erich von Däniken? Os Eternos são entidades extraterrenas que vivem na Terra, escondidos entre as pessoas e povos pela linha histórica que conhecemos. Uma mitologia muito rica e repleta de possibilidades narrativas. Por vezes interferiram no desenvolvimento humano. Tinham tecnologia incompreendida pelos observadores primitivos que viram por milênios o que seres semelhantes a eles podiam fazer.

Por vezes, Os Eternos eram vistos como deuses, e até seus nomes se mantiveram como os chamavam por algum povo em específico. Gilgamesh é um deles. Inspirado no rei semilendário da suméria e fundador da cidade de Uruk. Em sua epopeia escrita em cuneiforme em tabletes de argila por volta de 2.700 a.C. e tradu-

zida pela primeira vez em 1890, é considerado um semideus. Segundo o HQ, Gilgamesh não foi inspirado no homem, mas o homem foi inspirado em Gilgamesh. O personagem da Marvel tem força sobre-humana e extrapola aos outros Eternos nesse quesito, fazendo frente a personagens poderosas e mais conhecidas, tal como Thor e Hércules. Ele também possui agilidade, velocidade e grande resistência. Um dos mais poderosos Eternos moradores da Terra. Seu nascimento se deu durante o período neolítico, mas na sua origem não há registro exato.

Sendo assim, partilhando da compreensão que Däniken propõe sobre certos mitos e lendas: a distorção no registro histórico (oral ou escrito) da realidade aconteceu segundo a capacidade narrativa e de observação da testemunha que participou dos feitos heroicos e/ou divinos da entidade que desempenhou tais obras incompreensíveis por ele, porém testemunhadas.

Em um exemplo mais amplo, um observador vê algo e descreve como uma “carruagem de fogo” que leva Elias aos céus – livro: Bíblia, capítulo 2 de II Reis, versículo 11. Segundo a Teoria de Eram Deus os Astronautas?, o



escriba registrou apenas o que a testemunha conseguiu conceber dentro de sua gama cognitiva de realidade tecnológica. Mas na realidade, há a possibilidade de o observador ter presenciado a decolagem de uma tecnologia movida a propulsão e o que descreveu foram os exaustores de impulsão.

Ajak é outro personagem da mitologia dos Eternos. Um “Eterno Polar” e grande combatente corpo-a-corpo que durante as sagas de Kirby e Gaiman se mostrou um importante combatente do grupo protetor dos domínios da Terra. Seu nome entrega muito da possível confusão antiga. O Ajax grego, o mais forte e habilidoso guerreiro, ficando atrás apenas de Aquiles.

Segundo o cruzamento da mitologia de Kirby apropriada das possibilidades propostas pela teoria de Erich, Ajak pode ter participado do conflito de Tróia e tido seus atos parcialmente registrados na obra *Ilíada*, de Homero, onde Ajax figura com a descrição comparativa a Aquiles. Ao mesmo tempo, Ajak tem um histórico de intervenções em outros momentos da história e interação com outros povos, e devido a sua longevidade, encabeçou outros nomes. Entretanto, sempre se manteve Ajak, e a pro-

núncia de cada foco civilizatório ficou a critério da língua local, assim como a percepção distorcida do que viam e o registro dos atos heroicos. Efeitos esses sentidos por todos os Eternos através dos séculos.

O grande guerreiro e respeitado Eterno será interpretado por uma mulher no universo cinematográfico. E para aqueles que desconhecem a história dos HQs, se bem narrado, poderão entender que sempre foi uma mulher, e isso altera o futuro da mitologia. Tal como um equívoco narrativo poderia ter mudado a história que está registrada nos livros de historiografia das escolas e faculdades de hoje.

Existem centenas de Eternos ainda vivos, porém poucos foram responsabilizados pela segurança da Terra. Entre os principais estão os dois citados acima, Ajak e Gilgamesh, Ikaris, Makkari, Phastos, Zuras, Sersi, Kingo, Thana e Sprite.

Os Eternos, diferentes de outras entidades do universo Marvel, têm poderes inerentes, demonstrando sua superioridade inclusive acima de mutantes e demais personagens. Todos os eternos já nascem com as seguintes habilidades: imortalidade,

imunidade à doenças e venenos, às temperaturas extremas, regeneração, absorção de oxigênio – o que permite que respirem debaixo d’água, força sobre-humana, levitação e voo, criação de ilusões, telepatia e controle mental, disparos de energia e calor, teletransporte, transmutação de objetos, geração de campos de força, durabilidade, entre outros. Todavia, cada um se foca em uma ou duas habilidades para se especializar em determinados atos segundo seus gostos pessoais.

Assim como Ajak, Sprite terá seu gênero alterado, e não mais será o garoto que nunca envelhece, mas a menina fadada a não crescer ou morrer.

Cada personagem tem seu passado destrinchado pela mitologia que o envolve, mas durante as edições dos HQs publicadas e exploração das histórias de origens, fica clara a íntima ligação com a obra de Von Däniken. E essa é uma ótima forma de ramificar ideias.

O FUTURO DO PRESENTE

Quando um indivíduo se encontra deslocado ou afastado do mundo que o cerca, da realidade que importa, que está absorto ou tão alheio aos assuntos pertinentes para o convívio social ou co-

mum, que chega a ser obsessivo com as coisas supérfluas, isso ganha o nome de alienação.

Cada vez mais os meios de comunicação abrangem temáticas que fazem parte do pensamento alienado da população em geral. Por exemplo, quando alguém quer saber a verdade sobre a história da humanidade, o que seria a definição de verdade para sua base de conhecimento? Como iremos evoluir para sobreviver se não vemos o que realmente está à nossa frente?

No livro *The Case Against Reality - O Caso contra a Realidade*, o autor Donald Hoffman, também professor da Universidade da Califórnia no curso de Ciência Cognitiva, propõe que o negacionismo científico é fruto da alienação intelectual. Ou seja, a ignorância é optativa, e o meio social e desenvolvimento tecnológico está promovendo cada vez mais pessoas com alta ignorância voluntária que, todavia, querem estar a par e argumentar sobre assuntos complexos sem compreender o todo.

Em sua teoria e foco de mais de uma década de estudos ele usa o termo *Fitness Payoff*, ou Pagamento pelo Esforço em interpretação de tradução, onde ele verifica que o termo é o resultado da equação onde o indivíduo destrói a informação do mundo para chegar em seus objetivos, o que acontece dependendo do estado do mundo que o cerca. Dependendo da Realidade Objetiva do momentum social dos organismos vivos que fazem parte daquele antro, a informação é moldada conforme a visão de realidade e verdade que a massa aceita, e não necessariamente a verdade como ela é.

Para exemplificar, Donald usa o caso de Galileu Galilei, 1564 a 1642, que ao aceitar e defender a teoria postulada por Nicolau

Copérnico que desbancava a visão geral do mundo que o cercava, ou seja, a controversa teoria, comprovada matemática e visualmente, aclamava que algo que todos podiam ver com seus próprios olhos não era verdade.

Sendo assim, a Terra não seria o centro do universo, apenas mais um corpo planetário em um conjunto do sistema estelar que nos encontramos e girava em torno da estrela central. Entretanto, todos olhavam para o céu e viam o sol nascer e descer do outro lado, as estrelas irem e virem, a lua aparecer e desaparecer quando a noite terminava, sempre nos mesmos lugares. A lógica empírica e ignorante concluía que tudo girava em torno do nosso planeta, e não sugeria a visão diferenciada de Galileu, a visão científica, analítica e objetiva, não alienada, que por sua alegação foi brindado com prisão domiciliar até seu último dia de vida.

Naquele tempo, a ignorância conseguiu que um homem esclarecido e da ciência assinasse documentos declarando que ele estava errado e todos os ignorantes à sua volta estavam certos.

A Janela de Overton estava bem fechada para o lado do racional e escancarada para o radical ignorante e impensável. A Janela de Overton registra como pensa a maioria da sociedade em um dado momento sobre um determinado assunto, funcionando como um regulador que inclui uma gama de políticas aceitáveis tanto para cima quanto para baixo do ponto de equilíbrio. É tido como ignorante a condição daquele indivíduo que não está a par da existência, funcionalidade ou ocorrência de algo ou alguma coisa. É totalmente ou parcialmente desprovido de conhecimento, sem cultura, sem embasamento dos acontecimentos contemporâneos. Hoffman

ainda exemplifica sobre a Síndrome da Superioridade Ilusória, que ocorre quando a ignorância se disfarça de conhecimento e ludibria os demais ignorantes. Tais conceitos são importantes para compreendermos o andamento do desenvolvimento da linha histórica como a conhecemos.

A teoria de Erich von Däniken pode estar incompleta, errada em alguns fatores, ou completamente correta em muitos pontos que vários estudiosos acusam como absurdos lunáticos.

Nesse ponto, Kirby ajudou muito com a introdução de *Os Eternos* para o público em geral. Mesmo que tenha sido de forma inconsciente. Pois, em meio à alienação de interesses da época, por meio de comunicação de leitura rápida e recreativa, os quadrinhos, Kirby levou a jovens meninos e meninas, e até adultos, o que um dia poderia ser a base para novas discussões acadêmicas. Ou ao menos, irrompeu o senso ignorante dos leitores quanto ao assunto *Alienígenas do Passado*.

Dando assim, espaço para possibilidades em mentes que antes não aceitariam a ideia, nem mesmo como forma de possibilidade, quebrando parcialmente a premissa dogmática sobre a não inquisição do conhecimento teórico já instaurado.

Hoje, pouco mais de 50 anos depois da publicação do livro que abriu espaço para inúmeros estudos, explorações, novas hipóteses, livros, pesquisadores, programas televisivos e conteúdos virtuais, já podemos estar no movimento pós quebra de barreira ignorante e dogmática, e trocando passos curtos rumo a esclarecimentos argumentativos agregadores de conhecimento ainda mais vasto e rico à teoria em si.

A EQUAÇÃO DE DRAKE

TENTA RESPONDER A ESSA E OUTRAS QUESTÕES

O que é a Equação de Drake?

É uma equação desenvolvida por Frank Drake, que propõe uma fórmula probabilística, lógica e matemática para estimar o potencial número de **vida inteligente alienígena** de civilizações possíveis da **galáxia** que a Terra está presente.

$$N = R^* \times f_p \times n_e \times f_i \times f_c \times L$$

E como a coisa toda funciona?

$$R^* \times f_p \times n_e \times f_i \times f_c \times L = N$$

o número médio e anual de formação de novas estrelas na galáxia



a fração dessas estrelas do céu observável da Via Láctea que têm planetas



o número médio de planetas que podem suportar vida como a conhecemos



a fração desses planetas que podem realmente desenvolver vida de alguma forma



a fração de planetas que podem realmente suportar vida, e desenvolver vida inteligente



a fração de vida inteligente que pode criar sinais detectáveis de sua existência no espaço



a expectativa de vida de tal civilização pelo período em que ela pode se comunicar pelo espaço



o número de civilizações na Via Láctea da qual a comunicação poderia ser possível



Parâmetros reais, possíveis e hipotéticos para a equação

$$7 \times 0,5 \times 2 \times 0,13 \times 0,01 \times 0,1 \times 10.000 = 23,1$$

A NASA e Agência Espacial Europeia calculam que **7 novas estrelas** nascem a cada ano

Entre as estrelas observáveis e similares ao Sol, cerca de **20 a 60%** têm planetas

Usando o Sistema Solar como modelo referencial, apenas **2 planetas** teriam condições para suportar vida como a conhecemos

A estimativa de planetas onde a vida evoluiria é **abaixo de 0,13** e é baseada no modelo evolucionário terrestre

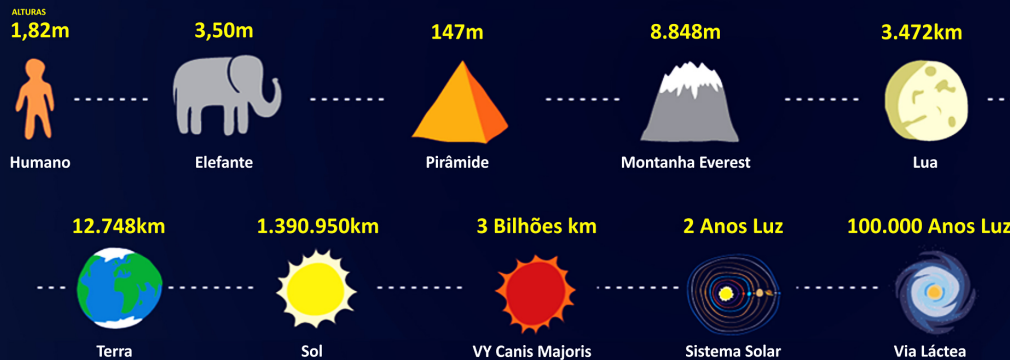
Nos planetas que evoluíram a vida, a inteligência seria **inevitável em certo momento, mas em baixa escala**, uma vez visto que na Terra apenas uma espécie é tida como inteligente

Observando a Terra, **nosso sinal espacial sideral** afora é de fato **pequeno e difícil de rastrear**

Baseado na evolução da civilização humana, onde toda cultura absorve o conhecimento de culturas que vieram antes deles, faz com que o **valor de L seja dado em bilhões de anos**

O **resultado final é relativamente baixo** considerando as dimensões da galáxia. Somos insignificantes e a possibilidade de encontrarmos mais algum é **infinitesimal**. É válido lembrar que o número de galáxias no céu observável, e não observável, é **imensurável**. E esse cálculo foi baseado apenas na Via Láctea.

Você consegue mensurar o quão grande é a Via Láctea?



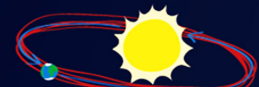
A Via Láctea detém tamanho colossal, por volta de **100.000 anos luz**. A compreensão pode ser facilitada segundo o **comparativo** acima: partindo do **tamanho** médio de um **ser humano**, e chegando até as proporções da **galáxia**.

Exemplificando, como um guia para proporções, se a **Via Láctea** fosse reduzida para o **diâmetro de 130 km**, então o **Sistema Solar** não seria maior de **2 mm** de comprimento, algo como um grão de areia dentro de uma quadra de vôlei de praia.

O ANO LUZ

O **Ano Luz** é uma unidade de medida astronômica de comprimento que mede as distâncias espaciais se viajando à velocidade da luz, 299.792.458 km por segundo, no vácuo e se baseando em anos terrestres.

Se calculado a velocidade da luz multiplicando os km/s pela quantidade de segundos em um ano de 365 dias, temos **31.557.600 segundos**. Sendo assim, **9.461 Bilhões de Km** ou aprox.



A Terra viaja por aproximadamente **107.000 km/hora** ao redor do Sol em um ano sideral, **365.256363 dias solares**.

Para cobrir o comprimento de **Um Ano Luz** o planeta leva **10.235 anos**.

Alguns fatos sobre a Via Láctea

o tamanho médio **100.000 Anos Luz**



o número médio de estrelas **100 a 400 Bilhões**



● = 10 Bilhões de Estrelas

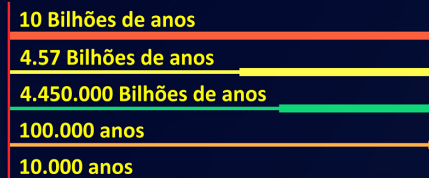
o número médio de planetas **160 a 640 Bilhões**



● = 10 Bilhões de planetas

*É estimado o **médico de 1,6 planetas** na zona habitável por estrela

idade aproximada

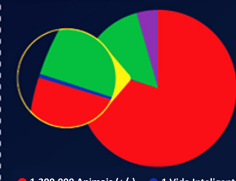


● Galáxia Via Láctea ● Sol ● Terra
● Civilização Humana ● Duração média de uma civilização

0,1% É o número de Civilizações que podem existir hoje desde o **começo** da Via Láctea

Quais as chances do desenvolvimento de vida inteligente?

Exemplificando: Veja a evolução da vida na Terra.



De aproximadas **2.250.000 diferentes formas de vida** apenas uma se desenvolveu com inteligência e capacidade de pensamento cognitivo.

POR TAIS AKASHEMOTO

A INVESTIGAÇÃO DE VISÃO REMOTA PELA CIA PODE LIBERTAR A HUMANIDADE DA MATRIX DE CONTROLE MENTAL

Motivada pela Guerra Fria, a CIA estudou habilidades psíquicas inatas do ser humano que têm sido manipuladas para permanecerem ocultas. A divulgação dessas habilidades presentes em qualquer ser humano tem o potencial de nos libertar da matrix de controle mental.



Uma das ferramentas de controle mais sutis e eficazes daqueles que não desejam a evolução da consciência humana é nos fazer acreditar que não temos habilidades psíquicas inatas e que, quando aparecem, são certamente de origem demoníaca. Falando em demônios... Há alguns séculos, a ciência foi obrigada a divorciar-

-se da religião para que o pensamento livre sobrevivesse em um mundo dominado pelos dogmas e pela Inquisição da Igreja. Assim foi possível continuar a investigar as leis que governam nosso mundo e criar teorias que explicassem nossa realidade. Eu mesma tenho memórias de ter sido queimada pela Inquisição em

mais de uma ocasião; sei como é. Por outro lado, não conheço nenhuma pessoa interessante que não tenha morrido na fogueira pelo menos uma vez. Passados mais alguns séculos, nosso venerado cientificismo atual alegrasse em ridicularizar tudo aquilo considerado esotérico, imaterial, imaginativo. Em um mundo ma-

terialista, onde a consciência é um mero epifenômeno da matéria e não somos mais do que correntes elétricas e substâncias químicas, qualquer habilidade psíquica é classificada como desordem psiquiátrica e grandes esforços são feitos para que o indivíduo "volte para a caixinha". Vale ressaltar que nem todo distúrbio psiquiátrico é resultado de atividade psíquica, mas com frequência habilidades psíquicas são diagnosticadas como distúrbios.

Eu vim desse mundo onde a ciência é, para todos os efeitos, uma nova religião, com suas crenças, santos e dogmas. O motivo pelo qual eu não busquei um psiquiatra para entender o que me acontecia foi que eu resolvi checar se as informações que eu recebia espontaneamente eram loucura minha. E esse detalhe fez uma diferença fundamental: fui surpreendida com o fato de que

sabia coisas que era impossível saber de forma direta. E assim começou, no final da década de 1990, minha longa caminhada para entender a mim mesma e às coisas estranhas que me aconteciam.

A CIA INVESTIGA A VISÃO REMOTA

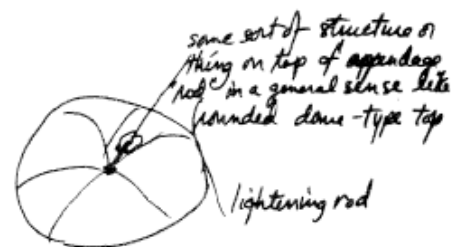
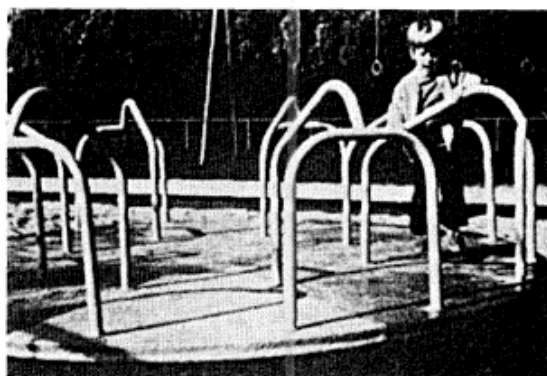
Voltemos agora no tempo, para o começo da década de 1970 nos Estados Unidos. Era época da Guerra Fria e o mundo temia a guerra nuclear final entre americanos e russos, que destruiria a todos nós. O delicado equilíbrio político-militar envolvia muita atividade da dita "inteligência" e a espionagem era a profissão glamourosa da vez, após quase uma década do surgimento de Bond, James Bond.

Neste contexto, chegou à Agência Central de Inteligência (CIA) americana a informação de que a KGB russa estava investin-

do somas consideráveis em estudos de habilidades psíquicas com fins de espionagem. Ainda que os agentes da CIA achassem o interesse russo bastante exótico, para dizer o mínimo, os valores gastos sugeriam um possível sucesso. E a atitude mais sensata, mesmo soando como loucura, seria investigar o potencial dessa "tecnologia".

Então, a Agência abordou o Dr. Harold Puthoff, que trabalhava naquele momento no Instituto de Pesquisa de Stanford, uma das mais renomadas universidades americanas. Muitos anos antes, o Dr. Puthoff havia sido oficial da Inteligência Naval e funcionário civil da Agência de Segurança Nacional (NSA), de forma que entendia a forma de pensar e trabalhar das agências de inteligência, além de saber manter sigilo.

Dr. Puthoff tornou-se então o fundador do Projeto de Visão Remota do Instituto de Pesquisa de



Top View



Desenho de estudo inicial de Visão Remota sem que o visualizador soubesse que o alvo era um gira-gira. *Journal of Scientific Exploration*, Vol. 10, No. 1, pág. 67.



Capa da Revista de Exploração Científica, Volume 10, Número 1 de 1996 sobre Programas de Visão Remota patrocinados pelo Governo Americano.

Stanford, patrocinado pela CIA, e foi seu primeiro diretor de 1972 a 1985. Nos estudos iniciais, foram convidados clarividentes americanos famosos para acessar alvos comuns. Depois, foram usados documentos e bases americanas restritas, cuja informação podia ser confrontada com a obtida por visão remota. Os primeiros testes geraram resultados tão inesperadamente promissores, que protocolos com rigor científico foram sendo refinados ao longo dos anos. Estabelecida a confiabilidade da metodologia, os alvos seguintes envolviam principalmente a leitura à distância do conteúdo de documentos sigilosos russos, assim como a identificação de armamento e pessoal militar em bases secretas e até mesmo desenhos de mapas e equipamentos do inimigo.

Os protocolos de visão remota incluem:

- Os “visualizadores remotos” não recebem nenhuma informa-

ção prévia do que devem visualizar, para impedir que usem sua memória ou sejam sugestionados de qualquer forma;

- Mais de um visualizador acessa independentemente o mesmo “alvo” para triangular a informação e aumentar a precisão;

- Um coordenador recebe os resultados dos visualizadores e é responsável por montar o quebra-cabeças e retirar informação que não parece correta.

Interessantemente, nem os melhores visualizadores remotos acertam 100%, mas há quem acerte de 80% a 90%, o que é estatisticamente impossível de ser acaso. E, ainda que clarividentes famosos tendam a desempenhar bem em testes controlados, algumas pessoas comuns, sem nenhum treinamento prévio, apresentam habilidade excepcional de visão remota, para sua própria surpresa.

O MUNDO DESCOBRE A VISÃO REMOTA

Em 1991 ruiu a União Soviética e, com ela, a mentalidade da Guerra Fria.

Anos depois, em abril de 1995, o então presidente Bill Clinton assinou a ordem executiva 12958, intitulada “Informação Secreta de Segurança Nacional” que mudava a forma de classificar informação sensível como secreta ou não. Isso permitiu a revelação de que a CIA e a Agência de Inteligência de Defesa (DIA em inglês), desde a década de 1970, financiaram estudos do Instituto de Pesquisas de Stanford (SRI em inglês) e da Corporação Internacional de Aplicações da Ciência (SAIC em inglês) para investigar se o fenômeno conhecido como visão remota tinha qualquer utilidade para coleta de inteligência.

Com essa mudança, a Revista de Exploração Científica publica em 1996 no seu Volume 10, Número 1, uma edição contendo diversos artigos sobre o programa de visão remota financiado pelo governo americano.

Nesta revista, Dr. Puthoff publica um artigo intitulado “Programa de Visão Remota Iniciado pela CIA no Instituto de Pesquisa de Stanford” onde escreve “Em resumo, ao longo dos anos, após muito ir-e-vir, crítica, desenvolvimento e refinamento dos protocolos e do método e replicação bem-sucedida deste tipo de visão remota em laboratórios independentes, foram geradas evidências científicas suficientes do fenômeno da visão remota. Além da robustez dos resultados, descobrimos que um crescente número de indivíduos demonstra alta habilidade em visão remota, geralmente para surpresa deles mesmos. O desenvolvimento dessas capacidades no SRI (sigla em inglês para Instituto de Pesquisa de Stanford) evoluiu a ponto de

agentes da CIA em visita, sem nenhuma exposição prévia a esses conceitos, desempenharem bem em condições controladas de laboratório”.

E o Dr. Puthoff conclui o artigo de forma surpreendente: “Apesar das ambiguidades e erros inerentes ao processo de investigação da visão remota, os resultados fornecem evidência inequívoca da capacidade humana de acessar remotamente eventos no espaço e no tempo por algum processo cognitivo ainda incompreendido. Meus anos como gerente de pesquisas nestes programas me deram a convicção de que este fato deve ser levado em conta em qualquer tentativa imparcial de criar uma estrutura da realidade”.

Após a divulgação inicial, surgiram empresas civis que desenvolvem até hoje estudos de visão remota tanto para agências governamentais quanto para empresas privadas interessadas em obter informação por vias não convencionais sobre seus concorrentes mercadológicos.

Exemplos atuais de profissionais e organizações que aplicam e ensinam a visão remota de formas mais éticas são John Vivanco do Right Hemispheric e o Instituto Farsight, que publica no YouTube vários dos seus estudos.

Desde então, a visão remota tem se tornado cada vez mais conhecida. Através da FOIA (Lei de Liberdade de Informação dos EUA), milhares de documentos sobre o tema podem ser acessados no site da Agência cia.gov. E até recentemente era possível comprar na Amazon, o “Manual Oficial de Visão Remota da CIA” editado pela própria Agência Central de Inteligência.

Os protocolos de visão remota são tão simples que temos inicialmente a impressão de que será

impossível obter qualquer informação confiável. No entanto, até os céticos que tenham coragem de testar o protocolo se espantam com os resultados, que, sinceramente, parecem mágica.

A TEORIA DOS CAMPOS MORFOGENÉTICOS PODE EXPLICAR A VISÃO REMOTA

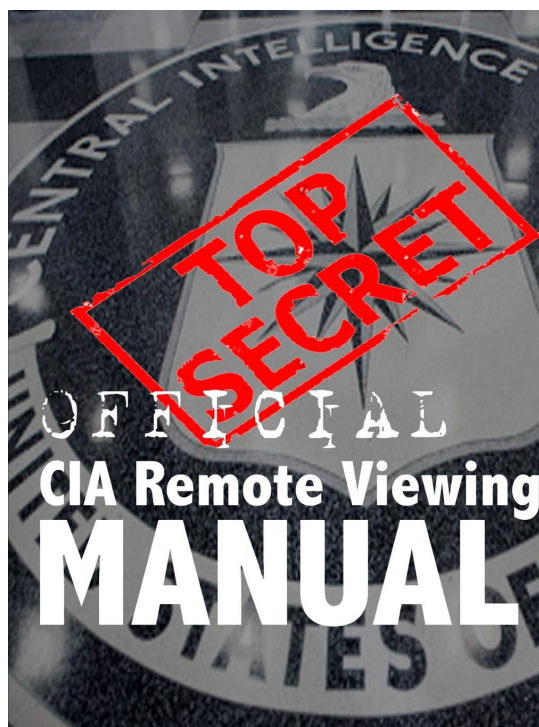
A CIA focou-se apenas nos resultados da visão remota e, como o Dr. Puthoff escreveu anteriormente, os processos cognitivos eram ainda incompreendidos. Para mim, a melhor explicação veio de uma área totalmente diferente e que inicialmente tinha outro objetivo.

Rupert Sheldrake nasceu na Inglaterra durante a II Guerra Mundial, é biólogo e bioquímico, PhD formado pelas Universidades de Cambridge e Harvard. Segundo ele, desde os anos 1920, muitos biólogos da área evolutiva do desenvolvimento propunham que a organização biológica depende de um campo não-físico, que muitos chamaram de campos biológicos e outros, de campos de desenvolvimento

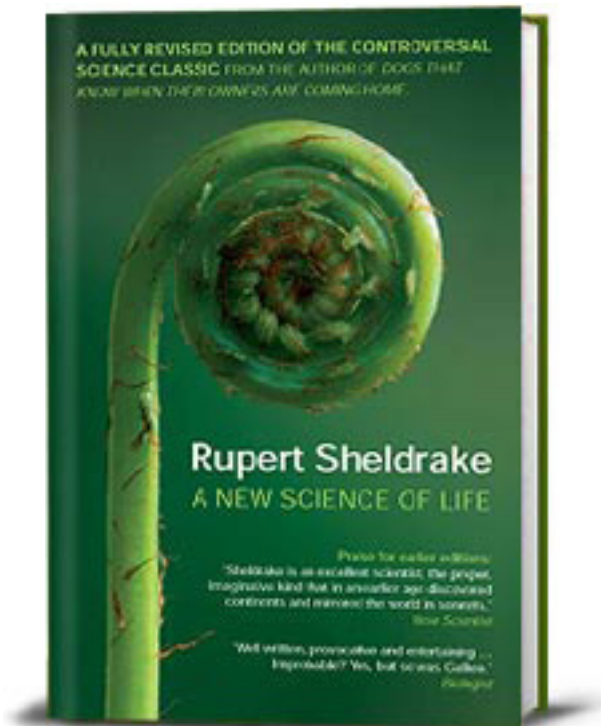
ou posicionais.

Sheldrake explica que todas as células vêm de outras células, das quais herdamos seus campos organizacionais. Os genes são parte dessa organização e possuem um papel essencial, porém, eles não explicam a própria organização. Graças à biologia molecular, sabemos o que os genes fazem: permitem que organismos produzam determinadas proteínas ou controlam a síntese dessas proteínas. Mas alguns organismos unicelulares formam um esqueleto mineral complexo e a capacidade de produzir as proteínas certas no momento certo não é suficiente para explicar as estruturas desses esqueletos sem que outras forças estejam atuando. Muitos biólogos evolutivos do desenvolvimento aceitam a necessidade de um conceito holístico ou integrativo para explicar esse fenômeno.

Em seus livros “Uma Nova Ciência da Vida” e “Ressonância Mórfica – A Natureza da Causação Formativa”, Sheldrake propõe que campos morfogenéticos impõem padrões na atividade



Capa do livro “Manual Oficial de Visão Remota da CIA” editado pela própria Agência Central de Inteligência e vendido pela Amazon até recentemente.



Capa do livro “Ressonância Mórfica – A Natureza da Causação Formativa” de Rupert Sheldrake.

biológica, que de outra forma seria aleatória ou indeterminada. Ou seja, a organização biológica existe em uma “memória coletiva” não-física de cada espécie, que ele chama de “Campo Morfo-genético”.

Esses campos não são fixos, ao contrário, evoluem com o tempo, explicando assim como as espécies evoluem. Sheldrake propõe que esses campos são transferidos de indivíduos do passado da espécie através de uma ressonância não-local que ele chama de “Ressonância Mórfica”. Cada indivíduo recebe e envia continuamente informação para o Campo Morfo-genético da espécie, compartilhando e formando uma memória coletiva. Isso explica por que novos comportamentos podem se espalhar entre os indivíduos de uma espécie mais rapidamente. Em seus livros, ele apresenta estudos que mostram que depois que ratinhos de laboratório de uma espécie aprenderam algo novo em Harvard nos EUA, ratinhos da mesma espé-

cie e sem relação consanguínea aprenderam a mesma coisa muito mais rapidamente na Escócia ou na Austrália.

O CAMPO DA MENTE HUMANA

Sheldrake propõe que campos mórficos de grupos sociais conectam os membros de forma não-local e criam canais de comunicação a longas distâncias entre os indivíduos. Esses campos ajudam a explicar a Telepatia. Existem atualmente boas evidências científicas de que algumas espécies animais são telepatas e a telepatia parece ser uma forma comum de comunicação entre animais, como pode ser visto no livro “Cães Sabem Quando Seus Donos Estão Chegando”. Sendo assim, a telepatia é normal e não paranormal, natural e não super-natural e comum entre pessoas, em especial as que se conhecem bem.

Sheldrake vem conduzindo vários estudos científicos divertidos sobre a atuação do Campo

Morfo-genético, como por exemplo na comunicação telepática em animais e seres humanos. É possível se inscrever em seus estudos através de seu site www.sheldrake.org.

Um desses estudos, mostra estatisticamente que as palavras cruzadas de um jornal inglês eram mais difíceis de resolver no domingo, quando eram publicadas, do que alguns dias depois. A explicação de Sheldrake é semelhante ao que ocorreu com os ratinhos de laboratório: quanto mais seres humanos resolvem as palavras cruzadas independentemente, mais fácil fica para outros membros da mesma espécie resolverem o mesmo problema, sem nenhum meio físico de troca de informação.

No mundo atual, a forma mais comum de telepatia humana comprovada está associada a chamadas de celular. Experimentos controlados sobre “telepatia telefônica” geraram resultados positivos consistentemente replicáveis e com alta significância estatística. Mais de 80% das pessoas pensam em alguém logo antes de receber uma ligação ou sabem quem está ligando antes de atender o celular, de uma maneira que indica a telepatia. Há vários artigos científicos muito divertidos sobre o tema no site do Sheldrake.

A teoria de Sheldrake é que o campo mórfico de atividade mental humana não está confinado ao interior das nossas caixas cranianas, ao contrário, entende-se muito além do nosso cérebro físico. A ideia de campos não-físicos que envolvem objetos físicos não é nova e está presente, por exemplo, no campo eletromagnético ao redor de um ímã ou no campo gravitacional ao redor de uma estrela. Com o surgimento da rede de celulares, ficou mais fácil entender o tal campo mórfico.

fico. Ainda que um aparelho celular tenha uma certa capacidade de processamento e armazenamento interno, ele possui conexão com uma rede de comunicação não-física. O mesmo é válido para computadores com conexão de internet wi-fi.

A existência dos computadores, celulares e da internet tem nos aproximado, pela via tecnológica, cada vez mais do conceito de campo mórfico, uma vez que a informação que agora acessamos não existe “de verdade” e são apenas zeros e uns em algum servidor no planeta. Mas será que existe informação da história ou do coletivo humano além da internet e dos registros em livros, pergaminhos ou pedras? Se sim, é possível acessá-la sem um computador ou celular?

CAMPO MÓRFICO É CHAMADO DE REGISTRO AKASHICO HÁ MILÊNIOS

Demos toda essa volta para tornar compreensível a uma pessoa ocidental do começo do século XXI o que antigas culturas orientais ensinam há milênios...

Akasha é uma palavra sânscrita que significa literalmente espaço ou éter. Aqui, o éter é o quinto elemento descrito na antiguidade e na alquimia, a substância da qual emerge tudo o que é manifesto na Criação.

Os Registros Akashicos são uma pequenina parte do Akasha e são considerados uma gigantesca biblioteca não-física que contém todos os eventos, pensamentos, emoções, sentimentos e intenções. Repare que não constam apenas todos os eventos ocorridos, mas incluem também tudo o que qualquer ser senciente já pensou ou sentiu. Usando os campos mórficos como referência, os registros akashicos incluiriam todos os campos mórficos de tudo o que existe.

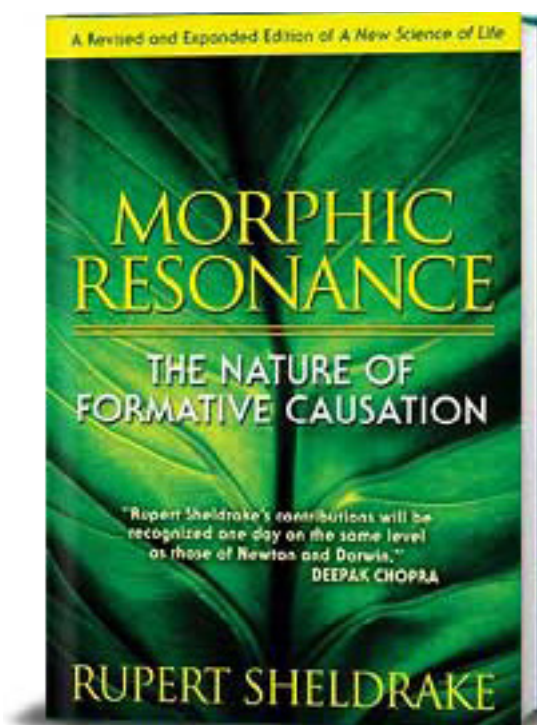
No Ocidente, geralmente é apresentado simbolicamente como o “Livro da Vida” sob o contexto de que seremos julgados por Deus, Deuses ou nós mesmos pelos nossos atos – o que é mais uma das diversas ferramentas de controle mental da humanidade. Pela visão oriental, os registros akashicos não têm objetivo algum de julgamento, sendo apenas um campo informacional. O julgamento não é um atributo básico da biblioteca.

E o mais espantoso é que qualquer ser humano nasce com a capacidade inata de acessar esse campo informacional. De fato, fazemos isso continuamente sem sequer nos darmos conta! Cada vez que temos uma inspiração, um insight, um momento de “Aha!” ou simplesmente sabemos algo sem motivo aparente algum que justifique esse conhecimento, estamos acessando espontaneamente os registros akashicos. E ninguém fica assustado ou tem medo disso, não é?

Quando eu estava na faculdade – e não me pergunte por que

me formei em engenharia pois também não sei... – era comum chegar naquele ponto da prova em que eu não sabia mais as respostas. Então eu parava por uns instantes, olhava para fora da janela, pensava em nada por algum tempo e, de repente, bum! A resposta simplesmente vinha, não sei explicar como e na época não estava interessada em entender o mecanismo, contanto que passasse nas provas. Hoje eu sei que acessava espontaneamente os registros akashicos e que felizmente isso não é considerado como cola.

Alguns anos depois, quando experimentei o que esotericamente é chamado de “abertura do terceiro olho”, comecei a vivenciar eventos estranhos e tive que aprender a conviver com isso. Percebi que era capaz de saber quando uma mulher estava grávida – e descobri que não convém parabenizá-la antes dela mesma saber – e qual seria a aparência da criança, sabia quando um e-mail ou ligação de celular estava chegando antes de chegar, percebia doenças e marcas físi-



Capa do livro “Cães Sabem Quando Seus Donos Estão Chegando” de Rupert Sheldrake.

cas sob as roupas das pessoas e tinha memórias de reuniões que meus companheiros de trabalho juravam que eu nunca tinha participado e, no entanto, o que eu relatava de informação estava correta...

Aqui no Brasil, essas habilidades são geralmente classificadas como mediunidade. Mas venho de uma família de ateus e a ideia de buscar ajuda no Espiritismo ou Umbanda era para mim tão ou mais assustadora do que os eventos que vivi. Por isso, resolvi trilhar meu caminho sozinha, tropeçando e levantando muitas vezes.

Hoje, prefiro chamar essas habilidades de clarissentidos e me dedico a desmistificar o acesso aos registros akashicos. Estudo e ensino diferentes formas de receber informação desse campo informacional que vão além das tão valorizadas clarividência e clariaudiência. Na minha experiência, os clarissentidos são habilidades inatas do ser humano. Fazendo um paralelo com a capacidade de correr, quase todos os seres humanos são capazes de correr. Alguns poucos não têm essa capacidade por limitações físicas ou psicológicas de um

lado e alguns poucos são corretores excepcionais, do outro. Da mesma forma, qualquer pessoa possui quase todos os clarissentidos, ainda que a maioria acredite que não tem nenhuma habilidade psíquica.

Como não fomos treinados nessas habilidades, frequentemente não sabemos reconhecê-las e fortalecê-las. A forma que recebemos informação pelos clarissentidos é geralmente indistinguível da nossa imaginação. Infelizmente, nossa tendência é descartar o que classificamos como imaginação ao invés de tomar nota, mesmo que só mentalmente, e verificar posteriormente a validade daquela informação. Ao tomar consciência da informação recebida e confirmar sua veracidade, começamos nos espantando com o simples fato de acontecer algo inexplicável e terminamos por ganhar confiança nas nossas habilidades.

Por outro lado, quando acreditamos que qualquer informação recebida é totalmente verdadeira, ignoramos os ruídos na comunicação, por exemplo, por nossos filtros culturais e psicológicos ou por nossas limitações cognitivas. Os estudos de visão

remota demonstram que nem os melhores visualizadores obtêm 100% de precisão. Então, do meu ponto de vista, a melhor atitude em relação aos clarissentidos é manter os pés firmemente no chão, lembrando continuamente que sempre pode haver 10% ou 20% de informação errada e que você não sabe exatamente onde está o erro.

Por fim, acredito que fomos condicionados a duvidar dessas habilidades a ponto de achar que não existem – Não são científicas! É coisa do demônio! E isso é feito deliberadamente como forma das elites controlarem a narrativa.

Como você acha que seria o mundo se muitas pessoas fossem capazes de facilmente identificar as mentiras dos políticos, banqueiros ou grandes empresários?

Como viveríamos se inventos que podem resolver doenças, fome, crise de energia, falta de moradia, pudessem ser amplamente acessados simultaneamente em diferentes partes do mundo sem que ficassem bloqueados atrás de patentes? Como seria nossa civilização se conhecessemos nossa história real?



OBSERVE A HISTÓRIA PESSOALMENTE

ACESSE OS REGISTROS AKASHICOS

OS REGISTROS AKASHICOS SÃO UMA GIGANTESCA BIBLIOTECA NÃO-FÍSICA DE TODOS OS EVENTOS, PENSAMENTOS, EMOÇÕES E INTENÇÕES DO PASSADO, PRESENTE E FUTURO E PODEM SER VISITADOS COM NOSSAS HABILIDADES EXTRASSENSORIAIS.

CURSO ONLINE DE REGISTROS AKASHICOS
AKASHEMOTO.COM.BR/CURSO

AKASHEMOTO
GUIA AKASHICO

ARTICULISTAS DESTA EDIÇÃO



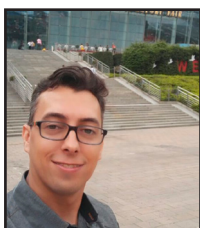
TAÍS AKASHEMOTO

Engenheira Química, instrutora e terapeuta de Registros Akashicos, apresentadora de lives e facilitadora de cursos na ong Centro de Estudos Phoenix.



CLÁUDIO SUENAGA

Escritor com diversos livros publicados é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira tese de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Colaborador e consultor de diversos jornais e revistas especializadas no Brasil e no exterior.



MAIK BÁRBARA

Empresário, escritor, trader e pesquisador apaixonado por perspectivas, narrativas, arqueologia e história.



DEMETRIO LORIN

Graduado em Física, pós-graduado em Educação Ambiental, fotógrafo e ornitólogo. Pesquisador entusiasta dos mistérios da História.

EDITOR

André de Pierre

REDATOR

André de Pierre

PRODUÇÃO DE ARTE

André de Pierre

Maik Bárbara

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Alessandro Rodrigues

Alexandre Watanabe

Paulo Mendonça

Pedro Macchion

Marcell Kokubo

Clenir Castro

Marcelo Prado

Agildo Júnior

Daniel Platt

Flávio Lima

Roberto Campos

Tatiana Sousa

Julio Milan

Tatiana May

Lázaro Souza

Maria Alice Batista

Roseli Aoky

